

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RAFAELA PEREIRA

**Influências das instâncias ideais na constituição psíquica infantil e formação de atletas de alto rendimento: Estudo de caso do episódio “*The Miscast Champion*” a partir da teoria freudiana**

SÃO CARLOS – SP

2021

RAFAELA PEREIRA

**Influências das instâncias ideais na constituição psíquica infantil e formação de atletas de alto rendimento: Estudo de caso do episódio “*The Miscast Champion*” a partir da teoria freudiana**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (DPsi/UFSCar), como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Taís Bleicher



Profa. Dra. Taís Bleicher

SÃO CARLOS – SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Pereira, Rafaela

Influências das instâncias ideais na constituição psíquica infantil e formação de atletas de alto rendimento: Estudo de caso do episódio “The Miscast Champion” a partir da teoria freudiana / Rafaela Pereira -- 2021. 64f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Taís, Bleicher

Banca Examinadora: Lara de Azevedo Tardeli Bibliografia

1. Psicanálise. 2. Psicologia do Esporte. I. Pereira, Rafaela. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

## AGRADECIMENTO

O processo de escrita deste material foi com certeza uma das experiências mais intensas e afetivas de minha vida. Foram meses exaustivos de um trabalho interno de elaboração e ressignificação de uma grande parte de minha existência, somado a conciliação do término da graduação de forma remota, afastada dos amigos e familiares, a vivência e atravessamento de uma pandemia, ao mesmo tempo em que gastei e estou a criar uma nova vida. Foram dias de luta, e por isso, deixo aqui o agradecimento a todos que me acolheram e incentivaram a continuar firme nesta jornada.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha trajetória como atleta, colegas de equipe, técnicos, clubes e professores que contribuíram de forma indireta para realização desta pesquisa.

Agradeço às amigadas por terem me escutado e acolhido nos momentos de incerteza e desorganização, em especial, Isabela, Emanoela, Jennifer, Sophia, Beatriz, Hugo e Guilherme. Obrigada por sempre me mostrarem que dias melhores virão.

Agradeço aos meus pais, Valdir e Leonilda, por todo o apoio, sem vocês eu nada seria. Obrigada pelo incentivo e compreensão nos momentos difíceis, e por cuidarem tão bem do meu pequeno enquanto me dedico à minha carreira profissional.

Agradeço à minha irmã, Mariana, por ser meu porto seguro em todos os momentos difíceis que passei durante minha graduação.

Agradeço ao Ricardo, por me incentivar e sempre acreditar no meu potencial. É uma felicidade e um privilégio poder realizar projetos e aprender tanto sobre Psicologia do Esporte com você.

Agradeço, especialmente, à Taís e ao Leonardo, que me guiaram e muito me ensinaram ao longo deste trabalho. Sou grata por todas as correções e ensinamentos que me permitiram

apresentar o melhor desempenho que eu poderia ter. Por todas as orientações, conselhos, pela ajuda e paciência, meu muito obrigada.

Por fim, agradeço ao meu filho, Thiago Bernardo, o raio de sol dos meus dias. Obrigada, meu bem, por proporcionar tantos momentos de alegria e aprendizado, e por sempre me lembrar que “*o essencial é invisível aos olhos*”.

*Cara, às vezes demora um bom tempo para você soar como você mesmo.*

(Miles Davis)

## RESUMO

Este estudo aborda as influências das instâncias ideais na constituição psíquica infantil e formação de atletas de alto rendimento. Baseando-se em pressupostos teóricos psicanalíticos, o trabalho busca ilustrar através do estudo de caso de Michael Bentt a relevância do narcisismo, da formação dos ideais e do imperativo do supereu para a economia psíquica do ex-boxeador. O objetivo do presente estudo consiste na investigação de como o imaginário do eu de atletas é influenciado a partir de sua história de vida, para além do ambiente esportivo competitivo, e na articulação com os conceitos de *narcisismo*, *eu ideal*, *ideal de eu* e *supereu*. Trata-se de um estudo de caso, de natureza psicobiográfica e de caráter qualitativo, fundamentado em modelos teóricos psicanalíticos. A investigação de tal fenômeno se dá a partir da análise do episódio “*The Miscal Champion*” da série documental *Losers*. A monografia está estruturada em duas partes: revisão de literatura e estudo empírico. Na revisão de literatura, são apresentados os conceitos de *narcisismo*, *eu ideal*, *ideal do eu* e *supereu*, e questões referentes ao esporte e sociedade. Na segunda parte, o estudo empírico, é apresentado o estudo de caso do episódio e análise do mesmo com base nos modelos teóricos anteriormente trabalhados.

**Palavras-chave:** Psicanálise, narcisismo, eu, ideal, supereu, Psicologia do Esporte

## ABSTRACT

This study approaches the influences of ideal instances on the child's psychic constitution in the formation of high performance athletes. Based on psychoanalytic theoretical assumptions, the work search illustrate through the case study of Michael Bentt the relevance of narcissism, the formation of ideas and the imperative of the superego for the psychic economy of the ex-boxer. The aim of this study is to investigate how the imaginary of athletes' self is influenced from their life story, beyond the competitive sporting environment, and in the articulation with the concepts of narcissism, ego ideal and superego. This study is psychobiographic, qualitative and case study based on psychoanalytic theoretical models. The investigation of this phenomenon is based on the analysis of the episode "The Miscast Champion" of the documentary series Losers. The monograph is divided into two parts: literature review and empirical study. In the literature review, the concepts of narcissism, ego ideal and superego and issues related to sport and society are presented. In the second part, the empirical study, the case study of the episode and its analysis based on the theoretical models previously worked are presented.

**Keywords:** Psychoanalysis, narcissism, ego, ideal, superego, Sport Psychology



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - 29 de Outubro 1993: Luta entre Tommy Morrison e Michael Bentt .....	39
<b>Figura 2</b> - Michael Bentt derrota Tommy Morrison, consagrando-se campeão mundial em 1993 .....	42
<b>Figura 3</b> - Michael Bentt é derrotado, perdendo seu título mundial para Herbie Hide, Londres, 1994 .....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1. Narcisismo .....</b>	<b>16</b>
Narcisismo primário e narcisismo secundário .....	22
<b>2.2. Eu ideal, Ideal do Eu e Supereu.....</b>	<b>24</b>
Isso .....	26
Eu .....	26
Supereu.....	27
Eu ideal e ideal de eu .....	28
<b>2.3. Esporte e Sociedade .....</b>	<b>30</b>
O esporte como manifestação cultural .....	31
A diferenciação entre a lógica da Iniciação Esportiva e do Esporte de Alto Rendimento .....	35
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....</b>	<b>38</b>
<b>3. Método .....</b>	<b>38</b>
<b>MICHAEL BENTT .....</b>	<b>39</b>
<b>THE MISCAST CHAMPION .....</b>	<b>44</b>
<b>ESTUDO DE CASO, A INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA.....</b>	<b>51</b>
Viver o sonho através do filho .....	51
Eu ideal, Ideal do eu.....	53
Supereu, “a instância que fala” .....	54
O esporte na formação do eu.....	55
O nocaute como sombra social .....	57
Recordar, repetir e elaborar.....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se das reflexões suscitadas pelo trajeto percorrido por mim nos variados âmbitos do contexto esportivo, seja durante minha vivência como atleta de alto rendimento de natação, seja na realização de estudos durante a graduação ligados à temática esportiva, seja de minhas próprias construções e expectativas sobre o que é ser atleta, seja no contato com relatos de atletas profissionais e amadores – através de mídias sociais, documentários e biografias –, seja, por fim, das leituras que realizei sobre Psicologia do Esporte e Psicanálise. Tais experiências geraram a pergunta “Por que atletas que dizem não gostar ou não ter prazer na prática de determinados esportes, ainda assim, continuam sua jornada atlética?”, questão que impulsionou e motivou o delineamento da presente investigação.

Em meu processo reflexivo algumas hipóteses emergiram; contudo, esta monografia se propõe a explorar a contribuição dos pais e técnicos na constituição psíquica dos atletas. Assim, tendo em vista que atletas de alto rendimento começam sua jornada atlética logo na primeira infância, seria possível explicar o papel dos cuidadores e técnicos na constituição subjetiva a partir dos conceitos psicanalíticos?

Durante a graduação voltei meus estudos para a Psicologia do Esporte, tanto por ter afinidade pelo tema por conta de minha trajetória como atleta, quanto pelo meu interesse em atuar na área após minha formação. Sempre me fascinou o fato de o fator psicológico ser um dos componentes negligenciados na preparação de atletas, mesmo sabendo, por experiência própria e através da leitura de diversos materiais, que o psíquico está diretamente relacionado à performance atlética. No meio esportivo, a dicotomia entre mente e corpo ainda é forte, apesar de esse tabu vir sendo desconstruído nos últimos anos. A visão do corpo atlético como

instrumento para alcance de metas, não só do atleta em si, mas também de toda uma equipe ou nação, que está sempre em busca da conquista de marcas e performances superiores, faz com que a vida fora do esporte seja esquecida ou colocada em segundo plano. Nesse sentido, existe toda uma preocupação e preparação para que o corpo do atleta atinja seu máximo rendimento; contudo, poucos são os que se preparam para o término da jornada esportiva.

Ao longo da graduação fiz minha Iniciação Científica na área de Fisiologia do Exercício, o que me trouxe repertório sobre a importância da prática de exercícios físicos para a melhoria da saúde mental de forma geral para a população, de como a ativação do corpo atua na liberação de neurotransmissores e biomarcadores sanguíneos que, por sua vez, produzem efeitos desde à musculatura óssea até ao cérebro. Contudo, ao longo dessa pesquisa de iniciação científica, percebi durante as entrevistas com os participantes que havia um fator psicológico forte por trás do início e continuidade da prática de atividades físicas, para além de componentes socioeconômicos e culturais, o que se mostrou como uma das limitações de minha pesquisa. Nesse meio tempo, também me aproximei das políticas públicas, principalmente as de Assistência Estudantil, mas, sempre tive o esporte como pano de fundo.

A Psicologia do Esporte e do Exercício constitui-se como uma área de atuação do psicólogo; contudo não possui uma abordagem teórica específica, e foi assim que me encontrei com a Psicanálise. Estabeleci com ela uma relação ambivalente, devido, por um lado, à minha admiração pelas obras, e, por outro, às minhas dificuldades no aprendizado dos conteúdos teóricos. Em meus últimos anos de graduação, resolvi enfrentar tal ambivalência no presente trabalho, no qual pude me dedicar com mais profundidade à compreensão da teoria freudiana, principalmente a partir da leitura de materiais a respeito dos processos e funções psíquicas envolvidos nas primeiras interações entre bebês e seus cuidadores. Sendo assim, os questionamentos que norteiam esta monografia, bem como as referências teóricas utilizadas,

são frutos do meu percurso como estudante de Psicologia e brotam de minha experiência pessoal.

Segundo Winnicott (1988 citado em Loparic, 2000, p. 355-356), o ser humano é uma amostra temporal da natureza humana, da integração de um longo processo de crescimento e amadurecimento, determinada pela hereditariedade e pelo ambiente. Segundo o autor, o amadurecimento é uma tendência “inata” ou “herdada”, sendo a realização de tal processo dependente do ambiente facilitador.

Assim, se a natureza humana está diretamente associada à sua vivência em sociedade, o esporte – um fenômeno sociocultural –, revela-se como um campo de extremo afeto sobre os corpos, um espaço de reprodução da cultura que perpassa as exigências de padrões corporais, em que o ser atleta pode ser entendido como um modo de ser e estar no mundo. Desta maneira, tendo em vista que grande parte dos atletas de alto rendimento começa sua jornada atlética logo na primeira infância, torna-se importante entendermos os objetivos da iniciação e formação desportiva no desenvolvimento psicológico de crianças e jovens, mais especificamente, na forma como o desporto é estruturado e o seu impacto na percepção de competência pessoal e atlética dos participantes (Machado & Gomes, 2011).

Nesse cenário, de iniciação e formação desportiva infanto-juvenil, o que é desejável é que os mais novos possam viver as atividades como algo benéfico e positivo; que a prática desportiva possa trazer a oportunidade de competir, de lutar para alcançar objetivos pessoais, divertir-se e de experienciar emoções positivas visando a promoção do desenvolvimento global do indivíduo, e não apenas centrado na formação de um atleta. Em termos gerais, o desporto oferece um conjunto de vantagens para o desenvolvimento de um indivíduo, desde o nível físico ao nível psicossocial (Machado & Gomes, 2011).

Entretanto, a sobrevalorização dos resultados desportivos e a ideologia do esporte-espetáculo (Proni, 1998) afetam a perspectiva do desporto centrada no bem-estar da criança,

fazendo com que técnicos e clubes, ao identificarem potencial competitivo dos corpos infantis, levem os jovens ao limite a fim de alcançar o mais rapidamente possível o sucesso desportivo destes. Além disso, é importante destacar o papel da família, que muitas vezes vê no esporte uma forma de realização e promoção social ou a possibilidade de ganhos e benefícios materiais, tornando-se, assim, mais uma fonte de pressão do que uma rede de proteção e escuta das vontades e desejos da criança (Machado & Gomes, 2011).

O corpo passa a ser, portanto, a porta de entrada dos atletas, mas também o motivo de sua saída do esporte, uma vez que o esporte de alto rendimento possui um período pré-determinado de capacidade produtiva do corpo no exercício (Anjos, 2019; Brandão et al., 2000). Nesse sentido, os atletas sempre estão se preparando para dedicar-se e esforçar-se ao máximo, mas não estão preparados para a hora da despedida e abandono do desporto.

Nesse processo muito é perdido, pois na ânsia de se adaptar para ser o melhor que se pode ser, as necessidades psíquicas e sociais são integralmente moldadas de acordo com as necessidades esportivas. O corpo, que logo no início é tido como ferramenta na busca do desenvolvimento do ser, é capturado e passa a restringir o ser, de tal forma que suas potencialidades passam a não ser exploradas por não se adequarem ao perfil e objetivos atléticos, objetivos os quais não necessariamente refletem a verdade do indivíduo, mas sim as expectativas sociais e familiares.

Para a autora, o esporte-espetáculo traz a sensação de ter muito mais fenômenos não explorados em seus bastidores. Contudo, o que se vê dos atletas é somente a vitória ou a derrota, enquanto que todo o trabalho, esforço e abdicção para chegar àquele resultado não é valorizado. Dá-se ênfase no estudo do aprimoramento das técnicas para se extrair o máximo daquele indivíduo, e o que se abdica neste processo é negligenciado e arrastado para “debaixo do tapete”, caindo no esquecimento e rezando para se manter no inconsciente. Abdicar de partes si parece ser necessário para alcançar o objetivo traçado.

Tendo em vista o exposto acima, esta pesquisa visa contribuir com a produção de conhecimento sobre as influências da constituição psíquica infantil na formação de atletas de alto rendimento. O objetivo do presente estudo é investigar como o eu dos atletas é influenciado e constituído pela sua história de vida para além do ambiente esportivo competitivo, a partir dos conceitos de *narcisismo*, *eu ideal*, *ideal de eu* e *supereu*, e do estudo de caso, de natureza psicobiográfica e de carácter qualitativo, da história do ex-boxeador Michael Bentt, apresentado no episódio “*The Miscast Champion*” da série documental *Losers*.

Para circunscrever e justificar a importância de tal temática, o presente estudo está estruturado em duas partes: revisão de literatura e estudo empírico. Na primeira parte, que consiste em uma revisão de literatura, são apresentados os conceitos psicanalíticos de narcisismo, eu ideal, ideal do eu e supereu, bem como questões referentes ao esporte e sua relação com a dimensão social. A segunda parte é composta por um estudo empírico, no qual é apresentado, em primeiro lugar, o estudo de caso, para depois se proceder a uma análise do mesmo com base nos modelos teóricos anteriormente trabalhados.

## PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA

Para uma análise do episódio “*The Miscast Champion*” da série *Losers*, o primeiro capítulo abordará a definição de narcisismo e a evolução do conceito, evidenciando sua importância para o amadurecimento da psique infantil e o papel da educação familiar como determinante para o desenvolvimento das etapas seguintes do psiquismo humano, bem como à condução de comportamentos presentes ao longo da vida do sujeito. Em seguida, o segundo capítulo trará a definição das estruturas psíquicas e sua relação com o destino da libido ao eu, a fim de demonstrar a distinção para Freud entre eu ideal e ideal do eu. Por fim, o capítulo sobre esportes pretende trazer uma breve contextualização da prática esportiva ao longo da História até a chegada aos dias atuais, ilustrando os processos históricos envolvidos no contexto desportivo, a construção do modelo atual de esporte e da sua representatividade individual e coletiva.

### 2.1. Narcisismo

Muitas vezes relembro aquele dia  
Em que fui despertada a vez primeira  
Do meu sono profundo. Sob as folhas  
E as flores, muitas vezes meditei:  
Quem eu era? Aonde ia? De onde vinha?  
Não distante de mim, doce ruído  
De água corrente vinha. De uma gruta  
Saía a linfa e logo se espalhava  
Em líquida planície, tão tranquila  
Que outro céu tranquilo parecia.  
Com o espírito incerto caminhei e fui  
Na verde margem repousar do lago  
E contemplar de perto as claras águas  
Que eram, aos meus olhos, novo firmamento.  
Ao debruçar-me sobre o lago, um vulto  
Bem em frente de mim apareceu  
Curvado para olhar-me. Recuei  
E a imagem recuou, por sua vez.



Deleitada, porém, com o que avistara,  
Novamente eu olhei.  
Também a imagem  
Dentro das águas para mim olhou,  
Tão deleitada quanto eu, ao ver-me.  
Fascinada, preendi na imagem os olhos  
E, dominada por um vão desejo,  
Mais tempo ficaria, se uma voz  
Não se fizesse ouvir, advertindo-me:  
"És tu mesma que vês, linda criatura." (Paraíso Perdido, Livro IV (citado em Bulfinch, 2002, p. 127).

O termo “narcisismo” advém da Mitologia Grega, a qual narra a história de um belo jovem que atraiu o amor da ninfa Eco. Entretanto, Narciso despreza esse amor, sendo, portanto, castigado pelos deuses a apaixonar-se pela própria imagem refletida nas águas de uma fonte, no intuito de conhecer o que é amor, mas jamais ser correspondido (Bulfinch, 2002). Assim, o “mito de Narciso” retrata a viabilidade do sujeito enamorar-se por si mesmo, correspondendo, na Psicanálise, à conduta do sujeito que “trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (Freud, 1914/2010, p. 14).

Apontado pela primeira vez por Freud em 1909, o narcisismo seria o estágio entre o autoerotismo e o amor objetal, sendo esse conceito retomado com mais profundidade em 1913, no capítulo III de *Totem e tabu*. Entretanto, é somente no artigo de 1914, *Introdução ao narcisismo*, que o conceito aparece em sua plenitude (Garcia-Roza, 2008).

Segundo Freud, o narcisismo é o amor pela imagem de si mesmo, e designa a existência de uma fase intermediária da evolução sexual entre o autoerotismo e amor objetal, em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse um objeto sexual, ou seja, tomando a si mesmo como objeto de amor (Laplanche & Pontalis, 2001). No autoerotismo – primeiro estágio da sexualidade infantil e da libido –, a pulsão sexual encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo, tratando-se, portanto, de um estado no qual as pulsões parciais procuram satisfação no próprio corpo, satisfação essa não unificada e desarticulada em relação às demais

satisfações parciais, consistindo somente em uma satisfação local. Para nos aprofundarmos no narcisismo infantil, antes é necessário entendermos a teoria freudiana sobre a sexualidade.

Em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/2006a), o autor discorre sobre a importância de suas observações clínicas dos fatores sexuais na causação da neurose de angústia e da neurastenia, inicialmente, e das psiconeuroses, posteriormente, que o levaram a uma investigação geral do tema da sexualidade. É nessa obra que encontramos a primeira referência às zonas erógenas e a seus vínculos com as perversões, além do surgimento da discussão sobre as forças recalcadoras – o asco, a vergonha e a moral –, e a postulação de que na primeira infância as moções sexuais atuam normalmente nas crianças de mais tenra idade, sem nenhuma necessidade de estimulação externa (Freud, 1905/2006a).

O fato da existência de necessidades sexuais no homem expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (Freud, 1905/2006a, p. 84).

Logo, a obra faz a introdução dos termos *objeto sexual e alvo sexual*, evidenciando que a relação destes com a “norma” necessita de uma investigação minuciosa. Há a introdução das distinções entre fonte, objeto e meta da pulsão sexual, mostrando-se a diversidade das metas sexuais, por vezes, parciais (partes do corpo) e estreitamente dependentes de fontes somáticas (pele, boca, ânus), sendo igualmente múltiplas e suscetíveis de assumirem e conservarem, para o sujeito, uma função importante nas atividades preparatórias do ato sexual final.

Segundo Santos (2016), o entendimento do desenvolvimento do sexual infantil e das zonas erógenas se faz a partir da noção de autoerotismo. Para o autor, no autoerotismo o objeto do instinto é o alimento, como por exemplo o leite materno, enquanto o objeto da pulsão sexual, neste exemplo, é o seio. O autor prossegue:

É a partir então do abandono deste objeto – seio materno – e do objetivo – alimentar-se – que se cria uma autonomia de escolha da criança, onde a mesma constrói um molde

sexual oral, ou seja, o objeto é vindo de seu próprio corpo, como exemplo, o chupar o dedo (Santos, 2016, p. 3).

Deste modo, as diversas zonas erógenas espalhadas pelo corpo atuam como fontes de pulsões parciais, sendo as pulsões parciais fragmentos que constituem a pulsão sexual (Freud, 1905/2006a). A teoria freudiana supõe que as pulsões parciais comecem por funcionar em estado anárquico na criança, para se organizarem, secundariamente, na puberdade, após a maturidade genital. Assim, um conjunto de atividades sexuais infantis é definido pelo funcionamento inorganizado das pulsões parciais (orais, anais e fáticas – pênis, vagina). A organização pré-genital infantil é, portanto, caracterizada pelo autoerotismo, visto que cada pulsão sexual procura, por si, a satisfação de prazer no próprio corpo, como, por exemplo, na fase anal, em que o prazer consiste não apenas em defecar, mas, também, no ato de retenção das fezes: neste caso, o prazer está relacionado à estimulação da região anal nas ações de cuidado com a higiene do bebê.

Nota-se que a excitação sexual infantil provém de uma multiplicidade de fontes. Surge mediante ao estímulo apropriado das zonas erógenas, sendo a excitação sexual um subproduto dos processos que ocorrem no organismo. A excitação de todas essas fontes não está conjugada, tendo em vista que cada uma segue separadamente seu alvo (obtenção do prazer). Assim, na infância, a pulsão sexual não está centrada, sendo seu objeto indefinido, caracterizando-se, portanto, como um desvio do instinto (Santos, 2016). A concepção freudiana de “pulsão parcial” reforça a ideia de que a pulsão sexual atua na criança em estado “polimorfo”, independente dos genitais, visando suprimir a tensão da fonte corporal a que ela se liga.

Logo, o narcisismo permitiria, portanto, uma primeira unificação das pulsões sexuais, resultado do desenvolvimento do eu (*Ich*), e uma satisfação integral do sujeito em relação a seu corpo (Garcia-Roza, 2008, p. 42).

Para Freud (1905/2006a), as características isoladas da conduta narcísica são encontradas em muitas pessoas, como, por exemplo nos homossexuais, bem como em situações cotidianas, através do comportamento de excitação erótica da contemplação, carícias e afagos em seus próprios corpos advindos das pulsões parciais. A Psicanálise se aventurou a análise de tal fenômeno a partir dos estudos com os psicóticos, visto que tal comportamento narcísico era um limite da suscetibilidade à influência nos neuróticos.

As observações sobre a psicose (“neurose narcísica”) colocam em evidência a possibilidade de a libido reinvestir o eu e, por consequência, desinvestir o objeto, implicando em uma espécie de princípio de conservação da energia libidinal. Tal processo foi estabelecido por Freud como o equilíbrio entre a “libido do eu” (investida no eu) e a libido objetal e, dessa forma, quanto mais uma é absorvida, mais a outras empobrece. Nesse sentido, “o eu deve ser considerado como um grande reservatório de libido, de onde a libido é enviada aos objetos, e que está sempre pronto a absorver libido que reflua dos objetos” (Freud, 1923 citado em Laplanche & Pontalis, 2001, p. 287).

O narcisismo, portanto, não se configuraria como uma perversão, como exposto anteriormente ao artigo de 1914 (Freud, 1914/2010), uma vez que as perversões se revelaram como inibições ou dissociações do desenvolvimento normal da psique (Freud, 1905/2006a). O narcisismo passa a ser compreendido como complemento libidinal do egoísmo e da pulsão de autoconservação, necessário para a constituição da subjetividade e condição de formação do eu, podendo nesse processo ser confundido com o próprio eu (Freud, 1914/2010; Garcia-Roza, 2008, p. 42).

A distinção entre libido de eu e libido de objeto, fundamental para Freud naquele momento, não diz respeito à origem da pulsão nem tampouco à distinção entre o sexual e o não-sexual. Em ambas as formas — libido de eu e libido de objeto — o que está em jogo é a libido, portanto o modo pelo qual o sexual se faz presente no psiquismo. Ambas dizem respeito à pulsão sexual, a qual pode ter como objeto o próprio eu ou um objeto exterior. Originalmente, o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, a ponto de se constituir como o “grande reservatório da libido”, armazenador de toda a libido disponível. Esse momento, Freud denomina narcisismo primário. Posteriormente, o

investimento libidinal passa a incidir sobre objetos (entenda-se: representações-objeto), o que corresponde à transformação da libido narcísica em libido objetal (Garcia-Roza, 2008, p. 43-44).

Para Freud, o estudo do narcisismo esbarra na dificuldade de incluir os achados sobre as parafrenias (*dementia praecox* e esquizofrenia) sob a hipótese da teoria da libido, uma vez que os parafrênicos apresentam duas características fundamentais – a megalomania e abandono do interesse pelo mundo exterior –, se furtando, assim, à influência da Psicanálise como processo de cura (Freud, 1914/2010). Cabe ressaltar que este posicionamento de Freud, posteriormente, foi revisto por autores pós-freudianos, sendo a atuação com este público possível atualmente. A constatação do afastamento face ao mundo externo pelos psicóticos faz necessário uma caracterização mais precisa dos quadros de histeria e neurose, uma vez que

o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai a sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos (Freud, 1914/2010, p. 15).

Nesse momento, duas questões preocupavam as atenções de Freud e de sua trajetória teórica: (1) a manutenção do dualismo pulsional e a distinção entre libido do eu e libido do objeto; e (2) como articular a psicose com a teoria da libido. Para Freud, a introversão da libido no eu “consiste na retração da libido para investir objetos imaginários dando origem a novas estruturas de desejo ou revivendo traços já esquecidos” (Garcia-Roza, 2008, p. 44). Assim, Freud distingue claramente que a retração da libido para o eu é característica do narcisismo, enquanto que a retração da libido para objetos imaginários é resultado da introversão propriamente dita.

Devido ao fato de Freud tentar conservar a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma independente umas das outras, e o narcisismo, em que o eu em

sua totalidade é tomado como objeto de amor, somos levados a fazer coincidir o narcisismo infantil com os momentos de formação do eu.

### *Narcisismo primário e narcisismo secundário*

É a partir de 1914 que o narcisismo adquire um estatuto conceitual compatível com sua importância no conjunto da teoria psicanalítica, mas é somente a partir da segunda tópica freudiana que a distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário adquirem contornos definidos (Garcia-Roza, 2008, p. 46).

Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud diferencia as escolhas objetais infantis: o tipo anaclítico (“de apoio”) e o tipo narcísico. No anaclítico, caracterizado por um estado de dependência em relação aos pais/cuidadores, a escolha do objeto sexual se baseia nas pessoas encarregadas pela alimentação, cuidados e proteção da criança. No segundo caso, o tipo narcísico, a criança toma a si mesma como objeto de amor. Assim, apesar de ambos os casos não serem excludentes, Freud traz que todo ser humano possui à sua frente esses dois caminhos para a escolha de objeto, os quais podem se apresentar das seguintes formas:

Uma pessoa ama:

1) Conforme o tipo narcisista:

- a) o que ela mesma é (a si mesmo),
- b) o que ela mesma foi,
- c) o que ela mesma gostaria de ser,
- d) a pessoa que foi parte dela mesma.

2) Conforme o tipo “de apoio”:

- a) a mulher nutriz,
  - b) o homem protetor
- e a série de substitutos que deles derivam. (Freud, 1914/2010, p. 36).

O que se evidencia é a hipótese de que o narcisismo da criança é o pressuposto necessário para a elaboração da teoria da sexualidade freudiana, a qual segue a sequência autoerotismo — narcisismo — escolha de objeto, sendo que o momento do narcisismo corresponde ao do surgimento do eu. Contudo, o que permanece obscuro “é se o narcisismo é o que Freud denomina narcisismo primário e, caso a resposta seja afirmativa, se ele coincide com o

autoerotismo, ou se é uma etapa distinta na constituição da subjetividade” (Garcia-Roza, 2008, p. 48).

Com o avançar da teoria psicanalítica, temos que narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido no eu, ou seja, a criança toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 290). É o substituto da noção de autoerotismo e se diferencia do conceito do estágio de autoerotismo devido à presença de um eu, ainda que primitivo, a quem é investido libidinalmente, como mostra Garcia-Roza (2008):

Poderíamos argumentar que, se no autoerotismo o próprio corpo é tomado como objeto sexual, o autoerotismo pode ser considerado como uma forma de narcisismo, narcisismo primário neste caso. Mas não é bem assim. O que ocorre no autoerotismo é o que Freud denomina “prazer do órgão”, isto é, o prazer que o órgão retira dele mesmo. Não se trata do corpo considerado um todo, sendo tomado como objeto de investimento libidinal, mas partes de um corpo vivido como fragmentado, sem unidade. Não há, no autoerotismo, uma representação do corpo como uma unidade. O que nele falta é o eu, representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo (Garcia-Roza, 2008, p.48).

Ainda segundo o autor, a constituição do eu se efetiva com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais/cuidadores, os quais atribuem à criança todas as perfeições, concedendo ao filho privilégios que os próprios pais/cuidadores foram obrigados a abandonar. O encontro da imagem unificada que a criança faz do próprio corpo e a revivescência do narcisismo paterno resulta no surgimento do eu ideal (*Ideal Ich*), correspondendo ao narcisismo primário.

Já o narcisismo secundário designa um retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais externos, representando uma estrutura permanente do sujeito: “A libido que anteriormente investia o eu passa a investir objetos externos e posteriormente volta a tomar o eu como objeto” (Garcia-Roza, 2008, p. 49). Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o narcisismo secundário pode ser dividido em dois planos: a) no plano econômico, em que os investimentos de objeto não suprimem os investimentos do ego e b) no plano tóxico, em que o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada (p. 290).

Os modos de investimento libidinal não devem ser considerados como etapas subsequentes, pois, de fato, não há um abandono completo do eu em benefício do investimento objetal e nem, posteriormente, um abandono completo do investimento objetal em favor do eu, podendo haver concomitantemente as duas formas de investimento com a predominância de uma delas (Garcia-Roza, 2008), uma vez que:

Quando consideramos o narcisismo primário e o narcisismo secundário tomando por referência não a vida erótica das pessoas, mas a psicose e a neurose, a distinção se mantém. Na neurose há uma retração da libido em favor do eu, mas sem que o indivíduo elimine inteiramente o vínculo erótico com pessoas e coisas. Esse vínculo é conservado na fantasia, substituindo os objetos reais por objetos imaginários. Na psicose ocorre algo muito diferente, a retração da libido não se faz pela substituição de objetos reais por objetos imaginários, mas pela retirada da libido das pessoas e coisas, sem o recurso à fantasia. O que ocorre é um corte com relação ao objeto e uma acumulação da libido no eu. O vínculo erótico com os objetos do mundo é eliminado sem que no seu lugar surjam objetos imaginários. Freud designa esse narcisismo, característico da psicose, como narcisismo secundário, um narcisismo que se edifica sobre as bases do narcisismo primário infantil. (Garcia-Roza, 2008, p. 49).

Nesse sentido, conclui-se que o narcisismo é o investimento da libido na imagem corporal e na imagem unificada do eu ao invés de um objeto externo, sendo o “complemento libidinal do egoísmo” (Freud, 1917/2014, p. 552) e possível de coexistirem ao mesmo tempo, pois, enquanto um [egoísmo] cuidará “para que a aspiração pelo objeto não cause nenhum dano ao eu” (p. 552), o outro [narcisismo] será responsável pela diminuição da necessidade objetal (Freud, 1917/2014). Assim, percebe-se pelo percurso teórico que a distinção entre um narcisismo primário e secundário é favorável quando estudamos a distinção de Freud entre eu ideal e ideal do eu, conceitos sutilmente estabelecidos pelo autor em *Introdução ao narcisismo*.

## **2.2. Eu ideal, Ideal do Eu e Supereu**

No texto sobre o narcisismo, Freud (1914/2010) levanta a questão a respeito do motivo pelo qual a vida psíquica é forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e investir a libido nos objetos. Partindo do pressuposto de que se o investimento libidinal no eu torna-se excessivo,



isso acarreta desprazer, uma parte da libido seria então investida nos objetos, enquanto outra permaneceria no eu. Para explicar o destino dessa libido no eu, é importante que primeiro entendamos o conceito de aparelho psíquico, um conceito empírico obtido a partir da observação clínica e a investigação dos processos psíquicos, o qual não deve ser tomado no sentido anatômico atribuído por uma teoria das localizações cerebrais.

Em *A interpretação de sonhos* (1900), Freud define o aparelho psíquico comparando-o a aparelhos ópticos, a fim de tornar compreensivo o funcionamento psíquico, dividindo este funcionamento e atribuindo a cada função específica uma parte constitutiva do aparelho psíquico, a qual acarreta uma sucessão temporal determinada (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 29). Assim, o aparelho psíquico possui uma parte topográfica, estrutural e sistêmica que interagem entre si, as quais possuem a capacidade de transmitir energia entre seus sistemas, transformando a energia livre do inconsciente (energia sem nenhuma censura) ao estado ligado do pré-consciente (energia restringida, ligada pela censura interna).

Nesse sentido, a função do aparelho psíquico é a de transmitir integralmente a energia recebida, tanto do mundo exterior, bem como do organismo, fazendo-a escoar, evitando um aumento ou uma concentração da excitação em determinada estrutura ou sistema. Assim, o aparelho psíquico é responsável por manter a energia interna de um organismo no nível mais baixo possível, respeitando o princípio de equilíbrio, de homeostase e de constância (Laplanche & Pontalis, 2001). Para o presente trabalho, focaremos no estudo das instâncias psíquicas apresentadas pela segunda tópica freudiana, ou seja, nas estruturas psíquicas do aparelho psíquico (Isso, Eu e Supereu), a fim de compreender as funções de Eu ideal, Ideal do Eu e Supereu que serão utilizadas para a análise do episódio “*The Miscal Champion*” da série *Losers*.

### ***Isso***

O termo das *Es* [isso, aquilo], foi introduzido em *O eu e o id* (1923), tendo o autor recorrido a Nietzsche (1923/2006c), podendo o termo isso ser entendido como o que há de não pessoal, de ilógico e, por assim dizer, de necessário por natureza no nosso ser. Assim, em sua segunda teoria do aparelho psíquico, Freud constitui o isso como polo pulsional da personalidade, sendo a expressão psíquica inconsciente das pulsões, por um lado hereditárias e inatas, e por outro, recalçadas e adquiridas. Do ponto de vista econômico e energético, o isso é um reservatório inicial de toda energia psíquica, ou seja, um grande reservatório da libido e das energias pulsionais; já do ponto de vista dinâmico, está em constante conflito com o eu (Laplanche & Pontalis, 2001).

Dessa forma, o isso corresponde ao que impulsiona o eu na busca do prazer, enquanto o eu é, ao mesmo tempo, chamado à realidade pelo supereu, a partir dos padrões e valores morais das relações humanas.

### ***Eu***

O Eu (Ich), é uma função complexa de todas as experiências arquivadas pelo indivíduo, diferenciando-se de um ser para o outro.

Do ponto de vista tópico, o eu está em uma relação de dependência tanto para com as reivindicações do id, como para os imperativos do supereu e exigências da realidade. [...] Do ponto de vista dinâmico, o eu representa eminentemente, no conflito neurótico, o polo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia). Do ponto de vista econômico, o eu surge como um fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 124).

Assim, a relação do isso com o eu apoia-se na origem da formação do eu, sendo, portanto, o eu a parte do isso modificada pela influência direta do mundo, por intermédio do

sistema percepção-consciência, tornando-se responsável pela obtenção do prazer e do equilíbrio psíquico.

### ***Supereu***

O termo *Über-Ich*, também foi introduzido em *O eu e o id* (1923), mostrando que a função crítica constitui uma instância que se separou do eu e que parece dominá-lo, ou seja, “como uma parte do eu se opõe à outra, julga-o de forma crítica e, por assim dizer, toma-o como objeto” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 498).

A noção de supereu pertence à segunda tópica freudiana. Trata-se de uma “instância psíquica especial” que atua a partir do ideal do eu, exigindo a satisfação narcísica ao mesmo tempo que observa o eu e o mostra o quão distante o eu está do ideal. Essa instância censora não apenas existe para fazer cumprir o ideal, mas também para mostrar ao eu que ele, inevitavelmente, falhará em relação ao ideal. Assim, percebe-se que, ao mesmo tempo que o supereu assume o valor de modelo, também possui a função de juiz.

Segundo o autor, a formação do supereu advém do declínio do complexo de Édipo e renúncia dos desejos edipianos amorosos e hostis, no qual a criança renuncia a satisfação dos seus desejos edipianos marcados de interdição, transformando seu investimento nos pais em identificação com o pai, acarretando no processo de interiorização das interdições (Laplanche & Pontalis, 2001).

Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933 [1932]/2006d), Freud descreve que “a instauração do supereu pode ser considerada um caso de identificação bem-sucedida com a instância parental” (Laplanche & Pontalis, 2001). Assim, temos que o supereu da criança se forma à imagem do supereu dos pais, enchendo-se do mesmo conteúdo. Torna-se, portanto, o representante da tradição de juízos de valor que subsistem através das gerações. A partir disso, percebe-se uma das funções supereu, a consciência moral, instaurada a partir da

incorporação da crítica parental e da sociedade, que se apresenta como uma intrusão hostil oriunda do mundo externo.

Freud, afirma, ainda, que tal instância está menos vinculada à consciência do que se pensava, como exposto seguir:

Se, a princípio, o supereu tem sua origem no declínio do complexo de Édipo – enquanto um precipitado no eu, resultado da identificação às autoridades parentais – conforme avançamos na teoria, desvela-se o estreito vínculo do supereu ao isso. Em seu retorno a Freud, Lacan definirá o supereu como “uma instância que fala, quer dizer, uma instância simbólica (Lewkovitch & Grimberg, 2016, p. 1195).

Outro ponto proposto pelo autor, é que a formação do supereu é um passo importante na maturação infantil, na qual o medo do castigo e da perda da afeição dos pais foi internalizado e introjetado com os valores no ideal do eu, acarretando na alteração das funções psíquicas, transformando parte da angústia infantil em sentimento de culpa. Assim, já não é um perigo externo ou a perda do amor que é temido pelo sujeito, mas, sim, um representante interno desse perigo.

Percebe-se, portanto, que as crianças necessitam de uma provisão narcísica – segurança e reconhecimento – dos pais para manutenção de seu equilíbrio psíquico. Contudo, após o amadurecimento psíquico infantil, o privilégio de permitir receber ou recusar essas provisões é assumido pelo supereu.

### ***Eu ideal e ideal de eu***

Os dois termos – eu ideal (*Ideal Ich*) e ideal do eu (*Ich ideal*) – são introduzidos no capítulo *Introdução ao narcisismo* (1914).

Sobre esse eu ideal recai agora o amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo surge deslocado para este novo eu ideal que, como o infantil, encontra-se de posse de todas as perfeições valiosas. Como tudo o que ocorre no âmbito da libido, aqui também o homem mostra-se incapaz de renunciar à satisfação de que gozou uma vez. Não quer privar-se da perfeição narcisista de sua infância, e se quando ao crescer não pôde mantê-la por sentir-se perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo

despertar de seu próprio juízo, procura recuperá-la na nova forma do ideal do eu. O que projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância, na qual ele foi seu próprio ideal (Freud, 1914, p. 91 citado em Garcia-Roza, 2008, p. 51).

Assim, o ideal do eu é para onde se dirige o amor antes desfrutado pelo eu infantil, sendo a projeção desse ideal, o substituto do narcisismo perdido na infância, período no qual a própria criança era ela mesma seu eu ideal (Lewkovitch & Grimberg, 2016, p. 1193). O narcisismo surge deslocado para este novo eu ideal que, como o infantil, encontra-se de posse de todas as perfeições valiosas (Garcia-Roza, 2008, p. 51).

Inicialmente, “o eu ideal é o efeito do discurso dos pais, efeito de um discurso apaixonado que abandona qualquer forma de consciência crítica para produzir uma imagem idealizada” (Garcia-Roza, 2008, p. 57), o qual permanece transformado e acrescentado ao indivíduo adulto.

Dentro da Psicanálise, o conceito de eu ideal é bastante divergente entre os autores. Contudo, Freud situa na origem da formação das instâncias ideais da personalidade o processo de idealização pelo qual o sujeito se dá com o objetivo de reconquistar o estado de onipotência do narcisismo infantil (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 139).

A expressão ideal do eu surge para designar uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao eu para apreciar suas realizações afetivas. Essa “nova forma” que toma a libido narcísica, é algo externo ao sujeito, exigências que ele terá que satisfazer e que se situam no lugar da lei (Garcia-Roza, 2008, p. 58). Sua origem é principalmente narcísica, sendo o que o homem projeta diante de si como seu ideal. Sua formação é diferenciada do eu, uma vez que permite explicar a fascinação amorosa, a dependência do hipnotizador e a submissão ao líder, casos em que uma pessoa estranha é colocada pelo sujeito no local do seu ideal do eu (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 124).

O ideal do eu seria a imagem constituída de uma projeção do eu ideal, a qual requer que o sujeito se situe em uma posição no simbólico. Assim, esse modelo simbólico será

responsável por guiar essa projeção (ideal do eu) constituída em uma introjeção. O ideal do eu é, portanto, o guia externo do imaginário do sujeito, “é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica” (Garcia-Roza, 2008, p. 62). Esta é a razão pela qual Lacan distingue o eu ideal e o ideal do eu, afirmando que “um está no plano do imaginário e o outro no plano do simbólico” (Garcia-Roza, 2008, p. 58).

Sobre a diferenciação entre o supereu e o ideal do eu, em *Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]/2006d), Freud estabelece em *A dissecação da personalidade psíquica* que o supereu possui como funções: (a) ser veículo do ideal do eu, (b) a consciência moral e (c) a auto-observação. Para Barros:

[...] a diferença entre supereu e ideal do eu se dá pelo comando supereu, insensato e sem sentido, e que, ao contrário do ideal do eu, não serve como modelo”. Apesar de ambos terem origem simbólica, eles se diferenciam em suas funções. Enquanto relacionamos o ideal do eu com a lei, ou com a introjeção da autoridade parental, a ferocidade e a tirania do supereu se devem a uma quebra do próprio modelo simbólico (Barros, 1997 citado em Lewkovitch & Grimberg, 2016, p. 1196).

Assim, com o intuito de investigar como o imaginário do eu de atletas tem influência a partir de sua história de vida, uma breve contextualização da prática esportiva bem como os processos históricos envolvidos no contexto desportivo faz-se necessária para a compreensão dos impactos psíquicos que vão além do ambiente esportivo competitivo.

### **2.3. Esporte e Sociedade**

Para uma análise mais aprofundada do episódio “*The Miscast Champion*” da série *Losers*, é importante compreender o papel do esporte na sociedade. A seguir, será feita uma breve contextualização da prática esportiva ao longo da História, passando pelos períodos do Esporte Antigo, Esporte Moderno e Esporte Contemporâneo. Com isso, propõem-se ilustrar os processos históricos envolvidos no contexto desportivo, a construção do modelo atual de esporte e da sua representatividade individual e coletiva.

### *O esporte como manifestação cultural*

Mesmo sendo registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, a palavra “sport” somente assumiu seu sentido atual na transição dos séculos XVIII e XIX, configurando-se o campo esportivo conforme hoje o conhecemos (Bourdieu, 1983 citado em Melo & Fortes, 2010). Nesse sentido, segundo Melo e Fortes (2010), o esporte também pode ser entendido como práticas corporais institucionalizadas, as quais possuem configuração articulada com as dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas de um dado contexto. Sendo assim, essas práticas constituem-se como “patrimônio de um povo, da memória afetiva de indivíduos e grupos, sendo também importantes ferramentas na construção da ideia de nação e na formulação de identidades de classe, gênero, etnia, entre outras” (Melo & Fortes, 2010).

O esporte, ao longo de sua constituição e do seu foco histórico, pode ser dividido em três períodos: Esporte Antigo, Esporte Moderno e Esporte Contemporâneo (Tubino, 2010). Na Antiguidade, as práticas esportivas eram de caráter utilitário atrelado à sobrevivência individual (natação, corrida, caça etc.), culto aos deuses, cumprimento de rituais e também ligado às preparações para as guerras (marchas, caminhadas, esgrima, lutas, entre outros) (Tubino, 2010; Rubio, 2001/2021). Nesse contexto, os atletas ocupavam lugares distintos na sociedade, visto que, na Grécia helênica, a participação nos Jogos Olímpicos só era permitida para os cidadãos – ou seja, mulheres e escravos, como não possuíam direitos civis, eram excluídos da competição, não podendo nem assistir aos eventos esportivos (Anjos, 2019). Além disso:

Em caso de vitória, além da coroa de louros recebida, o atleta vencedor gozava da glória concedida aos mais poderosos como honras políticas, isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, entre outras regalias. Fora isso, os feitos atléticos colocavam seu protagonista na galeria dos heróis mitológicos, indicando a impressão de seu nome em documentos e praças públicas onde esses feitos eram contados e celebrados (Rubio, 2001/2021, p. 56).

Em Roma, o esporte estava integrado às estruturas sociais, políticas e econômicas, tendo como papel reforçar a legitimidade dos líderes e do Estado, diferentemente de outras civilizações, como, por exemplo, os Impérios Maia e Asteca, para os quais o esporte, embora tivesse um forte elemento político, era celebrado como um evento familiar. É notório que os “esportes tiveram um papel central na emergência de sociedades complexas”, uma vez que promoviam espetáculos e poder político (Besnier et al., 2018 citado em Anjos, 2019, p. 21).

Já o Esporte Moderno foi criado pelo inglês Thomas Arnold a partir de 1820, o qual começou a codificar os jogos existentes com regras e formalizá-los em competições, ocasionando no surgimento de clubes esportivos e na restauração dos Jogos Olímpicos (Tubino, 2010). Nesse contexto, devido à segregação de classes (burguesia e proletariado), instituiu-se o olimpismo – esportes praticados pela aristocracia e alta burguesia voltados ao profissionalismo –, e o amadorismo – defesa contra o ingresso popular na prática do esporte (Tubino, 2010). A prática esportiva passou a ser vista "como um componente da educação de jovens da classe média europeia, sendo considerado uma forma de treinar homens pra o capitalismo, colonialismo, e militarismo” (Besnier et al., 2018 citado em Anjos, 2019, p. 21), norteadas pela incorporação dos ideais gregos do corpo masculino e às ideologia nacionalistas emergentes.

No contexto da colonização, a “exportação de esportes europeus” tinha como função a transmissão da cultura, dos valores e da ideologia dos colonizadores, além de ser visto como uma maneira de dissipar a agressividade e energia sexual dos indivíduos das sociedades colonizadas (Anjos, 2019). O esporte tornou-se “palco” de disputa de poder entre o capitalismo e o socialismo durante a Guerra Fria, evidenciando o uso político do esporte para legitimar a supremacia de tais regimes, além de evidenciar problemas de gênero e raciais nessas sociedades.



Conforme as colônias passaram a se tornar independentes e os esportes iam se organizando formalmente, a prática esportiva passou a ser associada ao tempo livre, ao lazer e à profissionalização, sendo atualmente tido como “produto da indústria cultural, um espetáculo, diferentemente da atividade e da educação física, relacionado com a educação, com a saúde e com a qualidade de vida” (Rubio, 2001/2021, p.144). Assim, em 1976, ficou definido que “a UNESCO se responsabilizaria pela publicação e divulgação de um documento com diretrizes efetivas para que governos e populações em geral se referenciassem nas questões relativas ao esporte, para um mundo melhor” (Tubino, 2010, p.28). Segundo Tubino (2010), nesta Carta ficou reconhecido que as práticas esportivas são direito de todas as pessoas, fazendo com que o esporte saísse da perspectiva única do rendimento, de forma a ampliar sua abrangência social, envolvendo todas as pessoas, independentemente das suas idades e de suas situações físicas.

O Esporte Contemporâneo passa a ser, portanto, “apenas uma etapa, atual, do processo histórico esportivo” (Tubino, 2010, p. 18). No contexto globalizado, o esporte contemporâneo dever ser compreendido como um “espaço de ambiguidades” (Goellner, 2005) que busca a preservação de “valores humanos com os quais as pessoas se identificam e admiram” (Gallatti et al., 2018) visando manter sua característica de fascínio sobre os espectadores e praticantes. É necessário um olhar plural para este fenômeno por se tratar de “um sistema aberto e interdependente de outros sistemas, tais quais, o econômico, o sistema dos meios de comunicação, o político e o educativo” (Puig; Heinemann, 1991 citado em Gallatti et al., 2018, p. 116).

Neste sentido, a diversificação aparece como “tendência mais relevante do sistema esportivo contemporâneo” (Gallatti et al., 2018, p. 117), sendo possível observar, ao mesmo tempo, “o surgimento constante de novas modalidades, assim como o fortalecimento de modalidades tradicionais” (p. 120), flutuações que partem das variadas demandas que surgem

de “dois eixos paradoxais, o primeiro baseado em poder e performance e o outro em prazer e participação” (p. 121).

Atualmente, embora o esporte tenha passado por mudanças ao longo do tempo, os atletas continuam a ocupar um lugar de prestígio na sociedade, sobretudo os vencedores:

A coroa foi trocada por medalhas – ouro, prata e bronze –, e as honras e isenções foram transformadas em contratos publicitários milionários e o prestígio conquistado por alguns atletas que praticam modalidades organizadas, reconhecidas e prestigiadas pelo grande público, leva-os a uma posição de destaque social que beira à realeza (Rubio, 2001/2021, p. 56).

Nas últimas décadas, o esporte tornou-se entretenimento público. Os maiores eventos esportivos, isto é, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, “são assistidos por bilhões de pessoas ao redor do mundo e são espetáculos que movimentam significativa quantidade de investimento financeiro” (Anjos, 2019). A lógica de mercado se aplica a todos os esportes, evidenciando um “redirecionamento da importância do fenômeno esportivo para a sociedade moderna, que tem na mídia seu principal divulgador e aliado, que globalizou o esporte” (Rubio, 2001/2021, p. 137). Segundo Coakley (2015 citado em Anjos, 2019), o esporte adquiriu outro lugar social, trazendo aspectos significativos para a sociedade que vão além dos resultados e desempenho, sendo parte integral dos contextos sociais e culturais, fornecendo histórias e imagens que usamos para avaliar as experiências e o mundo ao redor.

Com o crescimento da visibilidade midiática, observa-se maior envolvimento por parte do público com o esporte, o qual passa a ocupar um lugar central na vida de inúmeras pessoas, englobando atividades que unem, de maneira dramática e através de investimentos financeiros e emocional, temas como: emoções, política, dinheiro e moralidade (Anjos, 2019).

Após uma breve contextualização do esporte como manifestação cultural, se faz necessário distinguir sobre os diferentes usos existentes deste na sociedade, a fim de uma análise mais apurada do objeto de estudo deste trabalho.

### ***A diferenciação entre a lógica da Iniciação Esportiva e do Esporte de Alto Rendimento***

As atividades desportivas, segundo Rubio (2001/2021), podem ser divididas em três grandes áreas, cada qual com sua dinâmica e objetivo distintos. São elas:

*Esporte performance*, que objetiva rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada; *esporte participação*, visa o bem-estar para todas as pessoas, praticado voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde; *esporte educação*, com objetivos claros de formação, baseado em princípios socioeducativos, tendo como finalidade a preparação de seus praticantes para a cidadania e para o lazer (Rubio, 2001/2021, p. 131).

O presente trabalho irá tratar do esporte performance – esporte de alto rendimento –, o qual possui particularidades e significado próprio, vivenciada por indivíduos que têm como foco a carreira atlética profissional. Contudo, antes de nos aprofundarmos na lógica do esporte performance, é necessário contextualizarmos como se dá a trajetória do sujeito até tal área.

A carreira atlética possui uma particularidade em relação às demais, uma vez que o atleta “deve realizar um grande investimento de tempo e esforço antes mesmo de se tornar profissional, sem que haja nenhuma garantia de que alcançará tal etapa” (Anjos, 2019, p. 67). A entrada no esporte performance se dá após o período de iniciação esportiva, em que o primeiro contato com a modalidade ocorre ainda na infância, podendo acontecer por interesse próprio da criança ou por intermédio de pais, amigos ou escola. Segundo Coakley (2015), o processo de tornar-se atleta é dividido em quatro momentos:

a obtenção de conhecimento sobre esporte em questão, que consiste no primeiro contato com a prática; b) a interação com outras pessoas envolvidas com a modalidade, como treinadores e outros jovens; c) o aprendizado sobre a participação no esporte escolhido e as expectativas sobre os atletas; d) e passar a ser reconhecido e aceito como um atleta na cultura da modalidade escolhida. (Coakley, 2015 citado em Anjos, 2019, p. 67).

Quando nos referimos à iniciação esportiva, as atividades esportivas devem representar uma experiência saudável e agradável para as crianças, promovendo o desenvolvimento e crescimento, não só como atletas, mas também como pessoas, tendo como norte o bem-estar infantil (Anjos, 2019; Machado & Gomes, 2011). Contudo, a realidade que se apresenta é uma

sobrevalorização do vencer como o único elemento importante, o que acarreta na pressão de treinadores, que insistem em práticas de treino extremamente exigentes e orientadas para a competição, em que a punição pelos erros é constantemente utilizada (Machado & Gomes, 2011).

O esporte educação apresenta vários benefícios, desde o nível físico ao psicossocial. Ao nível físico: aprendizagem de competências desportivas, da melhoria da saúde física e da prevenção de doenças. Ao nível psicossocial: desenvolvimento de capacidades de liderança e iniciativa, de autodisciplina e independência, da autoconfiança e autoestima, do respeito pela autoridade, da competitividade, cooperação e amizade e do desenvolvimento moral, através do reconhecimento e aceitação de regras e comportamentos próprios do desporto em causa (Machado & Gomes, 2011).

Contudo, para a promoção de tais benefícios, é importante compreendermos como o desporto é entendido e organizado a nível social e competitivo, sendo fundamental a formação dos adultos (ex.: professores de educação física, treinadores, dirigentes, pais, entre outros) em três domínios:

- I) Conhecimento acerca das especificidades e diferenças do desporto infantil e juvenil relativamente ao desporto de alta competição;
- II) Sensibilização e formação acerca dos princípios gerais e básicos do funcionamento psicológico das crianças e jovens, nomeadamente ao nível da psicologia da iniciação e formação desportiva;
- III) Formação técnica e científica sobre as metodologias e técnicas de orientação e estruturação dos programas de desporto para estas idades (Machado & Gomes, 2011, p. 21-22).

Se as condições citadas forem deturpadas, a probabilidade de ocorrer experiências negativas no desporto é significativamente aumentada, como por exemplo: baixa autoestima devido aos *feedbacks* depreciativos, fazendo com que a criança se sinta incompetente e insatisfeita na modalidade, o que pode levar ao abandono do desporto; comportamentos agressivos frente à falta de clareza de regras e limites; ansiedade excessiva, ou seja, mal-estar

gerado pela pressão exercida pelos adultos focados no resultado; desenvolvimento de uma autoimagem negativa ou irrealista (Machado & Gomes, 2011).

Assim, a passagem para o esporte performance consiste em um meio excludente, no qual os aspectos socioeducativos são postos de lado visando unilateralmente o resultado nas competições, e somente os atletas mais talentosos são preparados (física e psicologicamente) para a carreira esportiva (Anjos, 2019). Nesse processo, a boa forma física e estética se distingue do sujeito saudável, uma vez que o esporte de rendimento apresenta impacto físico negativo devido aos programas de treinamento que resultam em “desconforto, dores e lesões em nome da superação de limites” (Anjos, 2019, p. 30), para além dos impactos psicológicos.

As atividades esportivas de alta performance “envolvem regras, competições, sistemas de pontuação, vencedores e perdedores, tabelas e temporadas, recordes, treinadores, juízes e órgãos reguladores” (Anjos, 2019, p. 32), organizados a partir de uma lógica capitalista e produtivista, reforçada pelo lema olímpico: *citius, altius, fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte). Nesse campo, as regras não visam a justiça, mas a criação de condições iguais para que se descubra o atleta mais apto ou mais preparado naquele momento, desconsiderando as diferentes condições socioeconômicas, físicas, técnicas, psíquicas e de condições locais de treinamento entre os diferentes atletas, equipes e federações, o que acaba por respaldar uma narrativa meritocrática, além de reafirmar a ideologia dos dominantes.

Sobre o funcionamento do esporte de alto rendimento, Rubio (2001/2021) discorre que:

O esporte é na atualidade um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta. Ele tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre Estados, povos e classes sociais, além de se tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, matéria-prima dos meios de comunicação de massa e umas das poucas formas reconhecidamente honestas de rápida ascensão social (Rubio, 2001/2021, p. 144).

O processo de profissionalização no esporte representa a transição do atleta do esporte amador ao profissional, em que a atividade esportiva passa a ocupar integralmente o tempo e a

rotina, além de moldar o comportamento de seu praticante a fim de se adequar às regras e normas instituídas e padronizadas internacionalmente (Anjos, 2019; Campos, 2015). Constitui-se, portanto, na utilização dos limites do próprio corpo como instrumento de trabalho como condição para a remuneração do atleta.

## PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

### 3. Método

O presente estudo tem como objetivo investigar como o imaginário do eu de atletas tem influência a partir de sua história de vida, para além do ambiente esportivo competitivo, e na articulação com os conceitos de *narcisismo*, *eu ideal*, *ideal de eu* e *supereu*, com base em modelos teóricos psicanalíticos. A investigação de tal fenômeno se dará a partir da análise do episódio “*The Miscast Champion*” da série *Losers*.

Trata-se de um estudo de caso, pois se propõe a explorar e indagar a vivência de um indivíduo em si, permitindo “a exploração e compreensão de questões complexas, sendo considerado como um método de pesquisa essencial quando é necessária uma investigação holística rigorosa” (Zainal, 2007, p. 1).

O presente estudo é de caráter qualitativo, uma vez que enfatiza as experiências subjetivas e o seu significado para um determinado indivíduo. É uma abordagem que faz a investigação de determinado fenômeno com base na informação coletada por diversas fontes, o que garante que o fenômeno “não é explorado através de uma lente, mas por múltiplas lentes” (Baxter e Jack, 2008, p. 544-545), permitindo a indagação de diferentes facetas sobre a mesma questão. As fontes de informação incluem: documentários, artigos de jornais e sites. Tal metodologia tem por finalidade realçar a “relação dinâmica entre o indivíduo e o seu

quotidiano, utilizando experiências, comportamentos, emoções e fenômenos culturais” (Strauss & Corbin, 1998 citado em Chéze, 2009, p.10), propondo-se a investigar e analisar “o significado que o indivíduo atribui ao seu contexto e aos eventos que experienciou” (Denzin & Lincoln, 2005 citado em Chéze, 2009, p.11).

Ademais, este estudo é também uma pesquisa conceitual, pois consiste em um processo sistemático de investigação, que visa produzir conhecimento científico, mediante o exame dos conceitos das teorias psicológicas. Tal estudo se desenvolve em três níveis de análise: 1) situar o(s) conceito(s) na rede conceitual mais ampla da teoria psicológica em discussão; 2) sondar os atuais compromissos filosóficos (ontológicos, epistemológicos, éticos, estéticos) do(s) conceito(s) analisado(s); 3) examinar o contexto histórico, social, biográfico, econômico e político da trama conceitual investigada (Laurenti, 2012).

## MICHAEL BENTT

Michael Bentt nasceu em 4 de Setembro de 1965, em Londres, Inglaterra. Os pais eram jamaicanos e, ainda novo, Bentt mudou-se com sua família para os EUA, sendo criado em Nova York (Christ, 2020; Bentt, 2021). Em sua carreira de boxeador, Bentt ganhou quatro títulos do *New York City Golden Gloves*, cinco do *United States Amateur Boxing Championships* e três medalhas de ouro no *Empire State Games*, tornando-se um dos boxeadores amadores mais condecorados da história dos Estados Unidos. Em sua carreira como amador, Bentt também ganhou medalha de bronze no Campeonato Mundial Amador de Boxe de 1986 e nos Jogos Pan-americanos de 1987 (Christ, 2020; Zanon, 2020).

**Figura 1.**

*29 de Outubro 1993: Luta entre Tommy Morrison e Michael Bentt.*



Fonte:  
<https://boxrec.com/media/index.php/File:MichaelBentt1782442.jpg>.

Nas seletivas olímpicas dos Estados Unidos de 1988, Michael Bentt conseguiu o segundo lugar. Contudo, o feito não foi suficiente para garantir sua vaga nas Olimpíadas de Seul pela equipe americana. Embora não tivesse garantido sua vaga no time americano nas Olimpíadas de 1988, devido à descendência jamaicana de seus pais, Bentt teve a oportunidade de lutar pela equipe de boxe olímpica da Jamaica. No entanto, quando confrontado com a decisão de que precisaria abrir mão de sua cidadania americana para acompanhar a equipe jamaicana a Seul, ele se recusou. Assim, apesar de Bentt ser considerado o boxeador mais condecorado da história do boxe amador americano, ele não se consagrou com o título de atleta olímpico, título este tão cobiçado no meio esportivo.

Seus outros títulos amadores incluem: Campeão das Luvas Infantis de NYC em 1980; Campeão da Liga Atlética da Polícia de Nova York em 1981; Campeão dos Pesos Pesados dos Jogos *Empire State* (1982, 1983, 1984); medalhista de bronze no Campeonato Mundial Amador de 1985 em Seul; Campeão do Campeonato Norte Americano de 1985 em Beaumont. Ademais, Bentt foi selecionado três vezes para a Seleção Americana de Boxe Nacional dos Estados Unidos (1985, 1986, 1987), além de ser capitão da Equipe de Boxe dos Jogos da Boa Vontade dos Estados Unidos de 1986 e da Equipe de Boxe dos Jogos Pan-americanos de 1987 dos Estados Unidos.

Embora não tenha competido no Campeonato Nacional AAU de 1985, após perder as semifinais da Copa do Mundo para Alexandr Yagubkin, da União Soviética, Bentt ganhou o *Sugar Ray Robinson Award* de 1985 como o boxeador de maior destaque no torneio *New York Golden Gloves* daquele ano. Após vencer o *Pan American Box-offs*, Bentt foi classificado como o boxeador amador número um (#1) dos EUA pela Federação de Boxe Amador dos Estados Unidos (Farmington Daily Times, 1987).



Durante sua carreira como amador, Michael Bentt ficou invicto por um período de quatro anos, antes de seu segundo lugar na seletiva olímpica americana. Bentt finalizou sua carreira como amador em 1988, com o recorde de 148 vitórias e 8 derrotas.

Treinado por Emanuel Steward, Bentt tornou-se profissional em 1989, sendo nocauteado no primeiro round por Jerry Jones em sua estreia profissional. O ex-boxeador relembra desse período como um momento de devastação, devido à humilhação sofrida naquela noite. Entretanto, Michael Bentt diz que o episódio foi "extremamente valioso e fundamental" para sua grande luta com Tommy Morrison, cerca de quatro anos depois.

Após a derrota por nocaute para Jones, Bentt teve um hiato de 20 meses. Por um período de quase dois anos, no início dos anos de 1990, Bentt atuou como parceiro de treino principal do então campeão mundial dos pesos pesados Evander Holyfield. Durante os treinos, um dos treinadores de Holyfield, vislumbrando o potencial profissional de Bentt, o encorajou a voltar aos ringues. Depois de algumas vitórias, ele assinou com o empresário Stan Hoffman e foi treinado pelo ex-campeão dos meio-pesados Eddie Mustafa Muhammad. Teve uma série de vitórias modestas e, em outubro de 1993, Bentt causou uma grande virada com um nocaute em 97 segundos, no primeiro *round*, em Tommy Morrison, conquistando assim o Campeonato Mundial dos Pesos Pesados da *World Boxing Organization* (WBO) (Christ, 2020).

**Figura 2.**

*Michael Bentt derrota Tommy Morrison, consagrando-se campeão mundial em 1993.*



Fonte: <https://www.theguardian.com/sport/behind-the-lines/2019/apr/04/michael-bentt-boxing-acting-beats-sex-losers>

Após cinco meses, em março de 1994, o boxeador perdeu seu cinturão WBO para Herbie Hide, após ser nocauteado no sétimo *round* no *The Den*, Bermondsey, Reino Unido. Após a luta, que seria sua última, Bentt foi levado às pressas para o hospital, onde ficou em coma por 96 horas. Ao acordar, os médicos lhe deram a notícia que não poderia mais lutar.

**Figura 3.**

*Michael Bentt é derrotado, perdendo seu título mundial para Herbie Hide, Londres, 1994.*



Fonte: <https://www.theguardian.com/sport/behind-the-lines/2019/apr/04/michael-bentt-boxing-acting-beats-sex-losers>.

Em decorrência de sua carreira de boxeador, Bentt havia sofrido inúmeras lesões cerebrais que, embora não afetassem negativamente a qualidade de seus pensamentos ou sua saúde mental, os médicos temiam que impactos semelhantes futuros causados no esporte pudessem resultar em lesões permanentes de longo prazo ou até mesmo em sua morte (The New York Times, 1994). Assim, Bentt finalizou sua carreira como profissional após 13 lutas, com onze vitórias e duas derrotas por nocaute, sendo que as derrotas por nocaute ocorreram em sua primeira e em sua última luta (BoxRec, 2021). Sobre sua última luta, o ex-boxeador disse:

Eu quase paguei o preço final por um momento que me permitiu realizar brevemente todo o meu potencial como boxeador. Se ser desmontado a ponto de quase morrer em minha última luta foi o preço que tive de pagar por uma vitória sobre Tommy Morrison, nunca questionarei o preço do sucesso (Bentt, 2021).

Após se aposentar do boxe em 1994, aos 29 anos, Bentt estudou jornalismo e atuação na *Northampton College* em Bethlehem, Pensilvânia. Seu ensaio "*Anatomy of a Knockout*" (*Anatomia de um nocaute*) lhe trouxe a oportunidade de interpretar o cobiçado papel de "Sonny" em *Ali* (2001). Além de seu papel de Charles Sonny Liston em *Ali* (2001), Michael Bentt também atuou como principal *sparring* e treinador assistente de Will Smith no retrato de Muhammad Ali, papel pelo qual Smith foi indicado ao Oscar (Christ, 2020; Bentt, 2021).

Em sua carreira profissional após o esporte, Bentt também foi instrutor de Terence Blanchard, Damon Dash, Heavy D, Paul Schulze, Harold Perrineau e Anna Deavere Smith, entre outros, ensinando sobre as virtudes e benefícios de estar em "forma de luta" (Bentt, 2021).

Em 2019, a história de Michael Bentt foi o tema do primeiro episódio de *Losers*, série documental de oito episódios, do diretor/produtor executivo Mickey Duzyj. A série tem por objetivo trazer contexto e humanidade ao fracasso dentro e fora dos esportes. O episódio de Bentt explora sua vida turbulenta, dentro e fora do ringue, recebendo *feedback* positivo de fãs, boxeadores, críticos e estudiosos do esporte (Bentt, 2021).

## THE MISCAST CHAMPION

O esporte contemporâneo se apresenta como um fenômeno de grande abrangência social capaz de provocar intensa emoção e comoção nos protagonistas e espectadores. Tal mobilização afetiva pode ser justificada pelo investimento libidinal e afetivo dado a esse espetáculo, somado aos valores esportivos que remontam a sua origem agonística, representada pela busca e superação de limites, bem como a perseverança, busca e construção da melhor forma atlética (Rubio, 2006). Atualmente, “a busca pelos melhores resultados deixou de ser superação do próprio limite para se tornar superação do resultado do adversário” (p. 86). Dessa forma, a associação do melhor à performance tem seu significado atrelado à conquista da primeira colocação, ou, por assim dizer, ao vencedor.

Em uma sociedade em que vencer é tudo, como a derrota é encarada? Como seria contar a história do lado “menos interessante”, o lado do perdedor? Existe benefício na derrota? Ganhar ou perder são duas realidades conflitantes presentes no meio esportivo resultantes de sua essência, a competição. Assim, apesar de a derrota ser inevitável, e lidar com ela seja uma questão necessária para todo profissional da área esportiva – atleta, preparador físico, treinador ou pais – somente o lado vencedor é colocado em evidência. São os vencedores que recebem a glória, a valorização pelo seu esforço e o reconhecimento (Sorvilho, 2019).

Na contramão dessa tendência, *Losers* é uma série documental que apresenta a história real de atletas que transformaram suas derrotas em triunfo. A série é separada em oito episódios, cada um deles com uma média de 20 a 40 minutos de duração. Em cada um dos episódios é apresentada uma história e, a partir das histórias contadas, conhecemos um pouco mais sobre as derrotas, dramas e superação de equipes, treinadores e atletas. O primeiro episódio, “*The Miscast Champion*” (Um ex-lutador, em tradução livre), traz a história de Michael Bentt, a quem nos dedicaremos no presente estudo.

Logo nos primeiros minutos do episódio é apresentada a gravação da luta de Michael Bentt contra Herbie Hide, em 1994, na disputa pelo cinturão do Campeonato Mundial dos Pesos Pesados da *World Boxing Organization* (WBO). A cena mostra a entrada de Bentt no ringue do estádio *The Den*, em Bermondsey, Reino Unido, lotado pelos fãs de boxe. Nesse contexto, as imagens são contrastadas com a voz de Bentt atualmente, que diz:

Nas minhas principais lutas como amador e como profissional, tinha esse pensamento que passava pela minha cabeça: ‘Espero que aconteça um grande blecaute nesta cidade, ou uma porra de um tornado. Porque eu não quero entrar no ringue’ (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Bentt conta que sua memória mais antiga é de estar assistindo uma luta de boxe na televisão, relatando que isso "é assustador". Diz que o pai era um homem primitivo e tinha duas formas de se expressar: “raiva e silêncio”. O pai de Bentt era um grande fã de boxe e queria que o filho fosse o próximo Muhammad Ali, um famoso boxeador jamaicano. Contudo, o pai não tinha repertório para ajudá-lo a se tornar um atleta, mas queria que o filho observasse os lutadores na televisão, aprendesse as regras e comportamentos dos lutadores e se tornasse um boxeador.

Eu? Nunca gostei do esporte, mas a única maneira de ele [o pai] estender seu amor por mim era se eu fizesse o que ele dizia, então foi assim que entrei no boxe. Para uma criança, isso foi uma viagem. Eu pensava: se eu lutasse, meu pai me amaria (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Em 1975, Bentt visitou pela primeira vez uma escola de boxe, onde treinou por nove meses. Segundo mostra a série, Michael Bentt não gostava de levar socos na cabeça, mas o pai não dava a mínima para as vontades do filho: queria apenas que o garoto se tornasse um boxeador. Além disso, Bentt diz que, ao ir treinar, sentia muita ansiedade e medo, tendo que enfrentar esses sentimentos toda vez que ia para a escola de boxe (Zanon, 2020). "Meu pai queria que eu fosse boxeador porque queria viver o sonho dele através de mim" (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Certo dia, cerca de um ano depois de ingressar no boxe, Bentt faltou à escola para se preparar para contar ao pai que não gostaria mais de lutar boxe. Assim que contou ao pai sobre seu desejo de não mais lutar, o pai o bateu com a antena da televisão.

Fiquei com a impressão de que meu pai responderia racionalmente, mas esqueci que ele é jamaicano, então toda a racionalidade foi jogada pela janela. Meu pai explodiu. Ele realmente era temperamental. Se você seguisse suas regras, ele agia como se amasse você, mas se você não o seguisse, ele batia em você. Ele estava chateado por eu não viver esse sonho [ser boxeador] para ele, então ele me deu uma surra, que sempre esteve presente em mim (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Não foi gentil. Foi uma cena gráfica e desumana o que ele fez comigo, cara. Tudo bem se eu não gostar de apanhar. Mas, desde que eu apanhe por você, tudo bem. Eu não entendia isso, sabe? [...] Meu pai, ele nunca quis me ensinar. Ele queria me dominar. É diferente. Boxe não é um esporte, é um ato de sobrevivência. Sobrevivência primitiva e tribal (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Após o episódio com o pai, Bentt retornou ao boxe cinco anos depois influenciado pelo seu primeiro mentor, George Pimentel, lutador dominicano. Bentt dizia que embora não gostasse do esporte, amava George, tornando ele sua grande inspiração para o início de sua carreira como boxeador amador.

Aos quinze anos, parei de lutar e um dia matei a aula e fui para casa. Meu irmão estava com um jornal e eu me lembro de ter lido a manchete sobre um acidente de avião na Polônia [O acidente aconteceu em 14 de março de 1980, Varsóvia, Polônia. Oitenta e sete pessoas morreram a bordo, incluindo os quatorze melhores boxeadores amadores da época e oito treinadores. Esse foi o pior desastre aéreo da Polônia desde a Segunda Guerra Mundial]. Eu pensei, isso é terrível, mas não é da minha conta. Então decidi folhear [o jornal] e vi uma foto de George. Ele havia entrado para a equipe de boxe dos EUA e morrido naquele acidente. Ler aquilo foi esmagador para mim. Foi quando decidi me dedicar ao boxe, para homenagear meu amigo. (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Em sua ascensão como boxeador amador, Bentt ganhou quatro títulos do *New York City Golden Gloves*, cinco do *United States Amateur Boxing Championships* e três medalhas de ouro no *Empire State Games* (Christ, 2020; Zanon, 2020). Sobre esse período, Michael Bentt diz:

Ganhar meu primeiro título? O esporte sempre foi conflituoso para mim. Eu voltei a fazer isso [lutar boxe] por George, mas no fundo da minha mente, tudo que eu pensava era no meu pai, que ele só me amaria se eu fosse bom em público. Só porque você não gosta de algo, não quer dizer que você não vai encontrar valor nisso; então, quando comecei a ganhar todos esses títulos, me senti gratificado. Eu tinha algum valor. Ganhei meu primeiro campeonato nacional em 1985 e foi quando realmente senti que pertencia ao esporte (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Em 1988, nas seletivas olímpicas dos Estados Unidos, Michael Bentt conseguiu o segundo lugar. Contudo, o feito não foi suficiente para garantir sua vaga nas Olimpíadas de Seul pela equipe americana, mas, devido a sua descendência jamaicana, Bentt teve a oportunidade de lutar pela equipe de boxe olímpica da Jamaica nesta mesma edição das Olimpíadas.

Meu pai recebeu um telefonema dos figurões da seleção jamaicana e eles disseram: “Seu filho é claramente um boxeador talentoso”, mas para que ele se junte à equipe em Seul, ele tem que pagar pela viagem de toda equipe. Meu pai havia ganhado na loteria e achava que ele poderia pagar para todo o time. Meu pai me ligou e me contou sobre esta ligação. Ele me perguntou o que eu queria fazer e eu disse: “Eu passo” [Bentt recusou o convite]. Você sabe por que eu disse isso? Porque eu não queria que meu pai jogasse na minha cara: “Você viu o que eu fiz por você?”. Eu não queria me tornar profissional. Eu queria ir para a faculdade e me formar. Mas porque eu não fiz parte da equipe olímpica, meu pai nutria muito ressentimento. Ele vivia através de mim e eu sabia que se não saísse da órbita desse cara, algo muito violento iria acontecer. Comecei a conversar com diferentes pessoas sobre me tornar profissional, porque isso me ajudaria a alcançar meu objetivo, que era dar o fora da casa dele [do pai] e ficar o mais longe possível dele. Eu me encontrei com várias pessoas, incluindo Butch Lewis, Rock Newman, Stan Hoffman e, em seguida, Emanuel Steward. (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Eu nunca quis ser profissional. Eu me tornei profissional para poder sair da casa do meu pai (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Em seu desespero para sair do *Queens*, Bentt fez sua estreia profissional em 7 de fevereiro de 1989 contra Jerry Jones no *Trump Castle*, em *Atlantic City*. Michael Bentt foi nocauteado no primeiro round. O ex-boxeador conta que, para um boxeador, ser nocauteado em público é uma das coisas mais humilhantes que pode acontecer. Além de precisar voltar

para Nova York depois de perder a luta, Bentt conta como foi afetado após ter perdido, por nocaute, sua primeira luta como profissional, além da reação descontrolada do pai.

Eu não tenho nenhuma maldita desculpa. Eu estava no ataque e fui pego por um “tiro” que não vi. Isso foi a sorte em nome de Jerry? Não existe sorte no boxe. Quando um boxeador pratica por anos e anos e anos para acertar e dar socos e então ele faz isso, isso não é sorte. Naquele momento da minha vida, foi o soco mais forte que já tinha recebido de um boxeador e me machuquei. Foi além do surreal. Eu sabia que estava ferido, mas também sabia que não havia como sair disso. [...] Evander Holyfield disse uma vez: “Você fez sua reputação entre os amadores. Ponto final”. Lá estava eu, todo mundo olhando para mim com todas as expectativas para minha estreia profissional contra Jerry Jones e então eu fui para a lona no primeiro *round*. Nocauteado. Eu estava com medo de ser julgado. Eu saí do topo da montanha e entrei em uma concha (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

"O meu filho perdeu uma porra de uma luta?" E eu pensava: "Você não foi nocauteado, por que está tão chateado?" (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Michael Bentt voltou para sua cidade de origem se sentindo mal como nunca antes. Ele conta que sentia nojo de si, que se odiava, e que por vezes escutava as pessoas ao seu redor cochichando sobre ele. Bentt conta que esse foi um período difícil em sua vida. Relata que nessa fase começou a sair, gastar muito dinheiro com mulheres e bebidas, tentando "acalmar essa pessoa ferida". Nesse período, o ex-atleta também relata ter tido sentimentos depressivos e pensamentos suicidas que o assustavam. Certo dia foi para o apartamento do irmão, onde encontrou uma arma, colocou-a na boca por duas vezes e tentou puxar o gatilho, mas não conseguiu. “Eu queria, mas não consegui. O que me impediu? Medo. O medo de viver e o medo de não viver. Era uma contradição perfeita” (*Losers*, 2019; Zanon, 2020, tradução da autora).

Por conta de sua saúde psíquica, Bentt decidiu tirar uma folga do esporte. Sua namorada na época lhe arranhou um emprego como “estoquista de materiais” em um hospital, contudo, dizia que uma voz sempre sussurrava para ele: “Você não pertence a este lugar, cara. Eu tenho algo a provar” (*Losers*, 2019; Zanon, 2020, tradução da autora).



Em seu período de hiato, Bentt atuou como parceiro de treino principal do então campeão mundial dos pesos pesados Evander Holyfield. Durante os treinos, um dos treinadores de Holyfield, Georgie Benton, – um treinador lendário –, apontou o potencial profissional de Bentt, o que o encorajou a voltar aos ringues. Contudo, por conta de sua primeira e única derrota como profissional, Michael Bentt não conseguia novas lutas nem empresário. Sua única luta, e consequentemente sua primeira derrota, como profissional, o colocara fora dos campeonatos de boxe.

Bentt assinou com o empresário Stan Hoffman e foi treinado pelo ex-campeão dos meio-pesados Eddie Mustafa Muhammad. Após isso, acabou vencendo dez lutas seguidas, arriscando uma luta com Tommy Morrison. Sobre essa luta, Bentt diz:

Veio a noite da luta, eu queria me validar na frente dos meus colegas. Isso foi uma grande motivação para mim. Aqui estava eu, em Tulsa, na cidade natal de Tommy. Eu me machuquei nos primeiros segundos da luta. Depois que fui atingido com aquele golpe na têmpora direita e fui contra as cordas. Mas uma voz me disse: “Você não pode voltar para o Queens como um perdedor. Pare de brincar e vá pra cima desse cara”. Todo o trabalho que fiz com Eddie Mustafa Muhammad, Bert Cooper, George Benton ao longo dos anos e todo o trabalho que fiz estudando Tommy Morrison fanaticamente por três meses, assistindo a fitas dele e como ele respondeu ao ser ferido ou como ele feriu alguém, naquele momento vieram para jogo. No exato momento em que fui ferido, tudo isso voltou vividamente para mim e passou pela minha mão direita. Esse soco o derrubou. Ele então se levantou e olhou para a câmera. Seus olhos estavam vidrados. Eu lamento por ele. Você sabe por quê? Porque eu estive lá e sei como é. Quando fui nocauteado por Jerry Jones, embora isso não correspondesse à importância do nocaute de Tommy, correspondeu à experiência completa de exposição (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Após vencer a luta por nocaute técnico, Michael Bentt relata que, apesar de se sentir bem com o feito, precisava fingir que era invencível durante suas entrevistas e coletivas para a imprensa; que apesar de dizer que estava pronto para as próximas lutas com outros boxeadores importantes da época, como Lennox Lewis e Mike Tyson, a verdade era que não estava.

Ser campeão mundial dos pesos pesados? Eu vou te dizer o que estava passando pela minha cabeça no momento em que fui corado. “Você tem que fazer tudo de novo”. Esse não era um pensamento reconfortante (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Cinco meses depois, em 19 de março de 1994, Bentt viajou para Londres para defender seu cinturão WBO contra Herbie Hide. Relata que durante seu treinamento, semanas antes da luta, sofreu uma concussão e foi orientado pelo médico a não lutar. “Quando você for para a Inglaterra, siga as regras, mas não lute. Cancele no último minuto” (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora). Contudo, Bentt insistiu em fazer a luta.

O boxeador descreve que para a luta com Hide “não tinha esse fogo por dentro”, e que em algum lugar dentro de si tinha algo que dizia que ele não era bom o bastante para ser campeão. Bentt foi nocauteado no sétimo *round*. Depois de voltar ao vestiário, desmaiou e foi levado às pressas para o hospital, onde ficou 96 horas em coma. Quando seu pai recebeu a notícia, apenas disse: “Deixe o garoto do coágulo morrer” (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Ao acordar, quando recebeu a notícia dos médicos de que não poderia mais lutar, Bentt conta que sua primeira reação foi alívio. “Eu nunca soube ao certo porque eu lutava” (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

Mesmo estando em conflito, em termos de vontade de boxear e os médicos me dizendo que eu não poderia, eu ainda queria continuar lutando. Isso era tudo que eu pensei que sabia. No entanto, assim que tive a oportunidade de conhecer pessoas diferentes de diferentes estilos de vida, particularmente nas artes, pensei: “É hora de fechar este capítulo e abrir outro”. Foi isso que me salvou (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Dois anos depois, em 1996, Bentt comprou uma casa na Pensilvânia e começou a fazer aulas de escrita. Redigiu o ensaio "*Anatomy of a Knockout*" (Anatomia de um nocaute), o que o levou a ter a oportunidade de interpretar o cobiçado papel de "Sonny" no filme *Ali* (2001). Michael Bentt começou a atuar, encontrando na atuação o sentimento de pertencimento. Sobre seu tempo e vivência no boxe, Bentt diz:

Se eu não tivesse me descoberto como ator e diretor, não teria como apreciar o que fiz na minha vida anterior. Mas na época não havia como eu ter esse nível de apreciação pelo boxe, porque eu não tinha ideia de que as pessoas valorizavam o que passei e o que superei. Leva tempo para que esse nível de detalhe apareça. No entanto, hoje em dia, tenho essa doença incurável que pode não ser fatal, mas é certamente real e coloca

você na corda bamba de vez em quando. Chama-se ambição! Eu sou extremamente ambicioso. Eu uso minhas experiências no boxe para ajudar outras pessoas em suas vidas e isso é uma grande alegria (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Diferentemente do boxe, os atores aceitam a derrota. Eles buscam isso. Os boxeadores são os melhores mentiroso do mundo, sabe por quê? Porque negam tudo. Eles nem percebem. Eles negam a dor. O trabalho de um ator é abraçar essa dor. [...] Ser nocauteado por Herbie Hide foi a melhor coisa que já me aconteceu. Foi doloroso. Mas, se eu não tivesse sido nocauteado por Herbie Hide, ainda estaria interpretando o papel, o papel do boxeador, usando aquela máscara. Miles Daves tem uma frase: "Às vezes demora muito para aprender a agir como você mesmo". Eu estou sempre atrás de descobrir quem eu sou. E está tudo bem (Michael Bentt, *Losers*, 2019).

## **ESTUDO DE CASO, A INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA**

### ***Viver o sonho através do filho***

É notável, pelo relato de Michael Bentt, o papel central de seu pai em sua vida como atleta de boxe. Um pai rígido, marcado por sua determinação em tornar o filho um boxeador, o próximo Muhammad Ali. O pai forçava Bentt, desde criança, a treinar e assistir lutas de boxe, sem se preocupar com a dedicação e o esforço, físico e psíquico, que o filho precisaria despender para tornar-se um atleta profissional. Outro fato relevante é que o pai nunca perguntou se era desejo do filho ser boxeador, e, segundo o relato de Bentt, o que importava para o pai é que ele fosse boxeador, para que assim pudesse viver seu sonho através do filho. Tal investimento paterno nos remete ao conceito de narcisismo parental de Freud.

Segundo Freud (1914/2010), os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições, a ocultar e/ou esquecer todos os defeitos, suspendendo as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e renovar, através do filho, as exigências e privilégios renunciados, idealizando que é dever da criança concretizar seus sonhos não realizados.

Para o jovem Michael Bentt, o amor de seu pai estava condicionado a ele tornar-se um boxeador vitorioso. Assim, ao assumir o desejo e a fantasia do pai sobre si, renunciou o seu

próprio desejo. Freud (1914/2010) afirma que é preciso amar para não adoecer, sendo inevitável adoecer quando não se pode amar. Contudo, é possível especular que abdicar do seu desejo para obter o amor do pai [figura de identificação] ocasionou traumas no processo de formação do eu e das instâncias ideais de Bentt. Também é possível interpretar que tais traumas fortaleceram as exigências impostas pelo pai, as quais foram internalizadas enquanto mandamentos do supereu, impedindo que Bentt pudesse descobrir outras formas de ser, além de terem participado de seu adoecimento psíquico após a derrota na luta de 1989.

No entanto, o relato de Michael Bentt nos faz ir para além da questão do narcisismo parental, não atribuindo somente ao pai os motivos que o levaram a lutar boxe por quase vinte anos. O fato de seu irmão não ter seguido a carreira de boxeador revela que, pelo menos em certo nível, Bentt tinha a possibilidade de escolher continuar com sua carreira de atleta ou não. Todos os filhos homens foram obrigados pelo pai a treinar boxe, e apesar de viverem as mesmas imposições, tiveram outra saída: abandonar o esporte. Bentt, por outro lado, precisou de um limite dado pelo próprio corpo para se aposentar.

Para além disso, outros fatores levam-nos a inferir os motivos que fizeram Bentt continuar sua carreira de boxeador, como, por exemplo, o desejo de sair da casa do pai, a perda de sua grande inspiração e mentor (George Pimentel) e a pressão por se redimir pelo nocaute em sua primeira luta como profissional. É perceptível como o meio externo – treinadores, pessoas próximas, torcedores, patrocinadores, entre outros – alimentaram seus sentimentos de ambivalência pelo esporte, e influenciaram sua continuidade. Tais situações serão melhor exploradas em um próximo tópico.

Entretanto, retomando os conceitos psicanalíticos, antes de seu nascimento a criança já se mostra como um polo de expectativas, projetos e atributos, sendo que talvez o acúmulo destes seja a razão do sufocamento do sujeito (Lacan, 1963/1998). É da reserva de atributos que o sujeito deverá forjar seu lugar. Logo, podemos pensar no investimento narcísico dos pais

como aquilo que dá lugar à criança no campo do Outro, o lugar dos significantes que abarcam o sujeito. Portanto, o sujeito constituiria sua imagem segundo sua fantasia, aquilo que deverá ser para ser amado ou aceito (Lewkovitch & Grimberg, 2016). Ou seja, trata-se do aparelho identificatório, constituição do que Freud chamou de eu ideal, ideal do eu e supereu (Cabas, 1982 citado em Lewkovitch & Grimberg, 2016).

### *Eu ideal, Ideal do eu*

Segundo Freud (1914/2010), a vida psíquica é forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a investir a libido nos objetos, a fim de balancear os investimentos libidinais no eu para que isso não acarrete excessos que desprazer. Dessa libido que originalmente se direciona ao eu, e que ainda não foi enviada aos objetos, é que se constitui o eu ideal; em contraste, a instância para onde se dirige o amor antes desfrutado pelo eu ideal é o ideal de eu, o que já evidencia uma distância entre o eu e o ideal. Assim, aquilo que o ser humano projeta diante de si como ideal, é o substituto do narcisismo perdido na infância, período no qual o eu da criança era o seu próprio ideal. A partir daí, o amor a si mesmo passa a depender de o sujeito conseguir atingir esse ideal.

Nesse processo, ao aumentar as exigências do eu, a formação do ideal é o mais forte favorecedor do recalque, o qual põe em xeque o papel desses ideais na satisfação das exigências pulsionais e desejos do sujeito, acarretando desconforto e angústias no eu por não alcançar o que é posto como e pelo ideal do eu (Lewkovitch & Grimberg, 2016).

É perceptível pelo relato de Michael Bentt a influência psíquica do ideal do eu em sua história de vida. No episódio da série que estamos analisando, Bentt afirma que não gostava de lutar boxe quando pequeno, mas que, ainda assim, possuía um ótimo desempenho no esporte, tomando a imagem de boxeador como seu ideal. Percebe-se, portanto, que havia um guia, o ideal do eu, que comandava sua posição imaginária (Lewkovitch & Grimberg, 2016),

regulando e permitindo que Bentt hesitasse e transitasse em uma certa contrariedade em relação ao pai, tendo em vista que ao mesmo tempo em que protestava (suas tentativas de pausa durante a carreira), Bentt também obedecia àquilo que considerava ter sido imposto a ele – isto é, ser boxeador.

### ***Supereu, “a instância que fala”***

Ao retomarmos o relato de Michael Bentt, é perceptível que “as vozes” em sua cabeça como “Você não pertence a este lugar, cara” (quando tentou trabalhar como estoquista), “Eu tenho algo a provar”, “Você não pode voltar para o Queens como um perdedor” e “Você tem que fazer tudo de novo”, de certa forma, lhe ameaçavam e o forçavam a continuar sua carreira esportiva. Ao refletirmos sobre os efeitos dessas “vozes”, fica evidente o que Freud nomeou de supereu, instância parental que se constitui a partir da internalização da crítica parental que, posteriormente, introjeta também a crítica da sociedade – sociedade entendida como oriunda das relações estabelecidas com o mundo externo para além dos objetos primários (treinadores, torcedores, patrocinadores, agentes esportivos, entre outros). Segundo Freud (1917/2014):

[...] existe no eu uma instância que observa, critica e compara sem cessar, e que, desse modo, se contrapõe à outra parte do eu. [...] Ele sente, no seu eu, a vigência de uma instância que mede seu eu atual e cada uma de suas atividades conforme um eu ideal, que criou ao longo de seu desenvolvimento (Freud (1917/2014, p. 567).

É notável que essa instância censora não apenas atua para fazer cumprir o ideal, mas, também, para mostrar ao eu que ele, inevitavelmente, falhará em relação ao ideal. Logo, ao mesmo tempo em que o supereu assume o valor de modelo, possui a função de juiz.

Lacan (1953-54/2009) define o supereu como “uma instância que fala, [...] uma instância simbólica” (p. 159), atribuindo maior valor ao aspecto pulsional dessa instância, o qual ultrapassa a voz proibitiva e se apresenta como uma voz imperativa. Assim segundo o

autor, a lei do supereu é uma lei insensata e ambivalente, pois ela não só proíbe o gozo, mas, o incita (Lewkovitch & Grimberg, 2016).

Podemos testemunhar uma forte atuação do supereu durante a carreira de boxeador de Bentt, uma vez que a voz internalizada do pai, dos educadores e treinadores, passa da posição de ser uma voz de terceiros para tornar-se sua própria voz, movendo-o na busca de realizar ações contrárias aos seus desejos mais profundos, tais como abandonar o boxe. Essas vozes imperativas presentes ao longo da carreira do ex-pugilista nos levam a pensar que a escolha de Michael Bentt de interromper a carreira esportiva era angustiante, dolorosa e até mesmo impensável, uma vez que sua aposentadoria só se deu por uma questão de saúde, que não lhe deixou escolha a não ser o abandono dos ringues para permanecer vivo.

Ademais, é importante ressaltar o peso de sua derrota por nocaute em sua estreia como profissional, fato que desencadeou um acentuado sofrimento psíquico, uma vez que o ex-boxeador cogitou tirar sua própria vida, a fim de evitar tamanho sofrimento e julgamento advindos tanto de si próprio quanto das pessoas a sua volta. Pode-se dizer que, naquele momento, a morte lhe parecia uma escolha mais fácil do que ter de aceitar a falha. Como dito por Bentt, ser nocauteado em público representava a coisa mais humilhante que poderia ter-lhe acontecido em sua estreia, principalmente, tendo em vista o seu histórico glorioso como boxeador amador e as expectativas do público para a luta.

O nocaute simboliza o afastamento de seu ideal do eu – ser um boxeador amado – bem como a censura do supereu por ter falhado e, conseqüentemente, perdido o amor e a admiração das pessoas, as quais passaram a duvidar e debochar de seu potencial como atleta.

### ***O esporte na formação do eu***

Segundo Freud (1914/2010), “uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo no indivíduo” (p. 18-9), sendo necessário que o eu seja desenvolvido em um processo

que envolve tanto a relação do sujeito consigo mesmo quanto com as pessoas e o mundo externo. Nesse sentido, “a posição do eu como ser individual conflita com aquela de integrante de toda uma série de gerações (Freud, 1917/2014, p. 548), com as expectativas e exigências familiares e culturais.

No caso de Michael Bentt, percebe-se como o boxe moldou a sua autoconfiança e autoestima, uma vez que o desporto proporcionou o desenvolvimento de uma autoimagem irrealista de si (ideal do eu), fazendo com que o ex-atleta julgasse que só possuiria o amor se fosse um boxeador de sucesso. É necessário destacar que a questão não está no fato de Bentt ter iniciado a prática aos nove anos de idade, mas, sim, de o pai não ter respeitado os desejos do filho, e o forçar a continuar a praticar boxe por desejar que o mesmo se tornasse boxeador, exatamente o que ele (o pai) não podia ser, mas queria ter sido.

É notória a influência do boxe no desenvolvimento da moral (supereu) de Bentt, uma vez que o reconhecimento e aceitação das regras e comportamentos próprios do desporto assumiram o lugar das críticas parentais, o que é exemplificado através de sua fala “Boxe não é um esporte, é um ato de sobrevivência. Sobrevivência primitiva e tribal”. Outro ponto de destaque é a ansiedade excessiva que o ex-boxeador possuía antes das competições, resultado do mal-estar gerado pela pressão focada no resultado: “Espero que aconteça um grande blecaute nesta cidade, ou uma porra de um tornado. Porque eu não quero entrar no ringue”.

Embora tenha começado muito jovem, as experiências negativas advindas da forma como Bentt foi introduzido ao esporte foram agravadas quando ele decidiu entrar para o desporto profissionalizante. O nocaute em sua primeira luta como profissional gerou marcas profundas que ampliaram o sofrimento psíquico de Bentt. Segundo Rubio (2006), ao derrotado resta a vergonha pelo objetivo perdido, a confusão com a incapacidade e a falta de reconhecimento pelo esforço realizado, fazendo com que tal comparação, entre o almejado e o concretizado, leve ao surgimento dos sentimentos de frustração, raiva e decepção frente ao



resultado obtido pelo atleta. Assim, para além das exigências psíquicas impostas pelo pai, agora havia também as exigências do empresário e dos torcedores pela vitória, e a consequente aprovação de si pelos outros: “eu queria me validar na frente dos meus colegas. Isso foi uma grande motivação para mim” (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

### ***O nocaute como sombra social***

Segundo Rubio (2006), a dificuldade que protagonistas do mundo esportivo têm em lidar com a derrota “talvez resida na posição que essa condição assumiu na cultura contemporânea ocidental” (p. 88). A valorização do modelo rendimento-premiação, além do reconhecimento de um feito que garante a imortalidade, faz com que a derrota possa ser associada à sombra social do esporte contemporâneo.

Entende-se por sombra os elementos do psiquismo individual e coletivo que incompatíveis com a forma de vida conscientemente escolhida, não foram elaborados levando-os a se unirem ao inconsciente, o que os faz agir de maneira relativamente autônoma, com tendências opostas às do consciente (Rubio, 2006, p. 88).

Através do relato de Bentt, somos convidados a nos aproximar da narrativa de um indivíduo que passou grande parte de sua existência envolvida com uma vida de treinos e competições. No auge de sua carreira como boxeador, mesmo que não soubesse porque continuava a lutar, Bentt experimentou muito mais situações de vitória do que de derrota. Embora a vitória e a derrota façam parte do repertório do atleta, suas vitórias consecutivas reforçaram a máxima de que sobre a vitória não é preciso elaboração (Rubio, 2006), sobrando para os momentos de derrota a avaliação dos erros, replanejamento e reflexão sobre o desejo de continuar ou não sua carreira esportiva.

Para Ferrando, Otero e Barata (1998 citado em Rubio, 2006, p. 88-89), “uma vitória não é idêntica a uma experiência de êxito, e uma derrota não é em si, uma experiência de

fracasso”. Assim, segundo Rubio (2006), a experiência de derrota pode levar o atleta a duas condutas: abandono da vida competitiva ou fortalecimento de atitude.

Nota-se que os dois nocautes experienciados por Bentt em sua carreira foram recebidos por ele de formas diferentes. No primeiro nocaute predominou o sentimento de fracasso e de inferioridade, a sombra a qual o ex-atleta tentará se livrar nos anos seguintes de sua carreira:

Lá estava eu, todo mundo olhando para mim com todas as expectativas para minha estreia profissional contra Jerry Jones e então eu fui para a lona no primeiro *round*. Nocauteado. Eu estava com medo de ser julgado. Eu saí do topo da montanha e entrei em uma concha (Michael Bentt, Zanon, 2020, tradução da autora).

Para Rubio (2006), os defensores dos benefícios do esporte para desenvolvimento do caráter “afirmam que os atletas aprendem a superar obstáculos, a cooperar com os companheiros, a desenvolver autocontrole e a persistir diante da derrota” (p. 89), sendo a prática esportiva atrelada ao espírito de superação de limites, considerado como um ideal positivo para a formação dos indivíduos.

Assim, após um período de reorganização pessoal, Bentt volta aos ringues, tendo seu momento de redenção e superação ao nocautear Tommy Morrison. Entretanto, diferentemente do esperado, sua vitória torna-se motivo de desconforto. Uma vez acalmado seu eu ferido, as divergências entre as pressões externas e seu desejo íntimo de abandonar o esporte voltaram a atormentá-lo.

Em sua última luta como profissional, ser nocauteado não significou apenas uma derrota, mas sim sua saída do esporte, seu passe de liberdade, simbolizando a permissão para o seu eu descobrir novas formas de viver e caminhos para si. Para Cagigal (1996 citado em Rubio, 2006, p. 843), “os verdadeiros triunfadores na humanidade não são sempre vencedores, mas sim os que têm assumido plenamente sua condição humana”.

### ***Recordar, repetir e elaborar***

Freud, em seu texto *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2006b), descreve o fenômeno da repetição de comportamentos e atitudes das relações com os pais no relacionamento atual entre paciente e analista. Segundo o autor, “o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber o que está repetindo” (p. 93).

Assim, na análise, “o paciente desloca para a figura do analista sentimentos, pensamentos e comportamentos originalmente experienciados em relação a pessoas significativas de sua infância” (Levinzon, 2010, p. 155). Logo, a transferência promove o encontro do passado e presente do sujeito, constituindo-se como palco onde as fantasias e os pensamentos são rememorados, possibilitando a encenação das repetições e criando, assim, condições para que haja compreensão dos significados das representações simbólicas individuais.

No relato de Michael Bentt, é perceptível a transferência da relação parental em seus comportamentos quanto atleta, uma vez que o esporte, no caso o boxe, tornou-se o palco para a repetição da busca pelo amor e admiração do outro, os quais moldavam a imagem que Bentt tinha como seu ideal, ser boxeador.

Ademais, nota-se a importância dos processos de recordar, repetir e elaborar para a construção de um novo propósito de vida para o ex-boxeador. A elaboração de seus traumas, assim como o entendimento de o que era seu e o que era do outro, permitiu que Bentt pudesse se tornar aquilo que ele próprio desejava ser, ator e diretor.

“Toda vida pode ser vivida, quando a pessoa não falta de si mesma” (Goethe, 1819 citado em Freud, 1917/2014, p. 553). A história de Michael Bentt mostra que ganhar não é tudo. Que falhar não significa ser um perdedor. Que o sucesso nem sempre é sinônimo de vitórias, mas sim parte de um processo que exige esforço e persistência. Acima de tudo, a

história de Bentt mostra que é preciso ter coragem para mergulhar nas profundidades do eu, desamarrear e elaborar as imposições que surgem a partir das relações com o outro, as quais, apesar de serem cruciais para a nossa formação (ideal do eu, eu ideal e supereu), muitas vezes atuam impedindo que possamos ser o que desejamos realmente ser.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Baseando-se em pressupostos teóricos psicanalíticos, o presente trabalho abordou as influências da constituição psíquica infantil na formação de atletas de alto rendimento através do estudo de caso de Michael Bentt a fim de mostrar a atuação das instâncias do supereu (eu ideal e ideal do eu), bem como do narcisismo e das regras do meio esportivo na constituição do psiquismo e dos comportamentos que compõem a história do ex-boxeador. Desde os nove anos de idade, sofrer lutando boxe era imperativo. Bentt sabia que não era seu desejo, mas não conseguia explicar o motivo de continuar a fazer o que fazia e nem interromper sua carreira esportiva.

A monografia corrobora para a necessidade de os psicólogos, principalmente os esportivos, pensarem para além do narcisismo parental, tendo uma visão mais ampliada do fenômeno esportivo em sua práxis. “O Outro é sempre uma construção da fantasia, e também o lugar da alteridade, de onde se pode desejar” (Lewkovitch & Grimberg, 2016, p. 1197), sendo, por esse motivo, o trabalho do analista esvaziar esse outro fantasmático e seus imperativos, sem favorecer a idealização e permitir que o sujeito se encontre com seu próprio desejo (Cottet, 1995 citado em Lewkovitch & Grimberg, 2016).

O presente estudo de caso apresenta como limitação a não possibilidade de prosseguir na direção das fantasias inconscientes que sustentam o desejo de Bentt, sendo necessário revisitar os conceitos psicanalíticos e recolocá-los frente aos ideais de performance e consumo, característicos do meio esportivo contemporâneo (Lewkovitch & Grimberg, 2016).

Para além do estudo de caso, a experiência da escrita da presente monografia proporcionou a reflexão crítica da autora sobre refletir sua própria história como ex-atleta profissional de natação, permitindo a ampliação de seu conhecimento pessoal e ressignificando momentos cruciais de sua história de vida.

Espera-se que a questão que moveu a escrita deste trabalho possa ter sido justificada teoricamente e valorada ao longo do estudo de caso. No mais, ela continua a despertar reflexões que, em si mesmas, tornam a experiência de apreender o funcionamento e a constituição do psiquismo do ponto de vista psicanalítico algo extremamente fundamental para a formação e prática profissional da aluna.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anjos, F. M. (2019). *Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.
- Baxter, P. & Jack, S. (2008). Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. *The Qualitative Report*, 13(4), 544-559.
- Bentt (11 de março de 2019). About Michael Bentt. <http://michaelbentt.com/biography/>
- Boxing's Official Record Keeper. (n.d.). BoxRec. <https://boxrec.com/en/proboxer/5642>
- BoxRec (2013, 19 de abril). BoxRec. <https://boxrec.com/media/index.php/File:MichaelBentt1782442.jpg>
- Brandão, M. R. F.; Akel, M. C.; Andrade, S. A.; Guiselini, M. A. N.; Martini, L. A. & Nastas, M. A. (2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 8(2), 49-58.
- Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis* (26ª ed.) Eudiouro.
- Campos, A. F. (2015). *Psicanálise no esporte*. Drago Editorial.
- Chéze, E. (2009). *Jeffrey Lionel Dahmer: a psychobiographical study* [Dissertação de Doutorado]. Nelson Mandela Metropolitan University
- Drennan, J. (4 de abril de 2019). The world champion who survived boxing and thrived in Hollywood. [Página web]. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/sport/behind-the-lines/2019/apr/04/michael-bentt-boxing-acting-beats-sex-losers>
- Duzyj, M. (Produtor executivo). (2019) Losers [TV series]. Netflix.
- Freud, S. (2006a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Um caso de histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos* (Vol. 7, pp. 123- 252). Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006b). Recordar, repetir e elaborar. In *O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (Vol. 12, pp. 191-203). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006c). O Eu e o Id. In *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-25)* (Vol. 19, pp. 13-83). Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006d). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (Vol. 22, pp. 63-84). Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1933)

- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp.13-50) Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2014). A teoria da libido e o narcisismo. In *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-17)* (Vol. 16, pp. 545-569). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Galatti, L. R.; Paes, R. R.; Collet, C. & Seoane, A. M. (2018). Esporte Contemporâneo: Perspectiva para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência*, 22(3), p. 115-127.
- Garcia-Roza (2008). Narcisismo. In *Artigos de Metapsicologia, 1914-17* (7ª ed., Vol. 3, pp. 18-78). Jorge Zahar.
- Goellner, S. V. (2005). Locais da memória: histórias do esporte moderno. *Arquivos em movimento*, 1(2), p. 70-86.
- Harry, E. (n.d.) 7 fatos que você precisa saber sobre o ícone do jazz Miles Davis. Recuperado em 28 de outubro de 2021, de Calm Radio: <https://calmradio.com/pt/calmlife/5263-7-facts-you-should-know-about-jazz-music-icon-miles-davis>
- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In *Escritos*. (pp. 653-691). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953/1954)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise/ Laplanche & Pontalis* (4ª ed.). Martins Fontes.
- Laurenti (2012). Trabalho conceitual em Psicologia: Pesquisa ou “Perfumaria”? *Psicologia em Estudo*, 17(2), 179-181.
- Levinzon, G. K. (2010). Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 44(4), 155-164.
- Lewkovitch, A. D. P. & Grimberg, A. B. F. R. (2016). A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal. Ideal do eu e supere. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(4), 1189-1198.
- Loparic, Z. (2000). O "animal humano". *Natureza humana*, 2(2), 351-397. Recuperado em 27 de outubro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Machado, A. M. & Gomes, R. (2011) A iniciação e formação desportiva e o desenvolvimento psicológico de crianças e jovens. In D. Presoto; J. M. Montiel; E. G. B. Pereira & R. Gaio (Eds.), *Psicologia do Esporte – da escola à competição* (pp. 19-48). Fontoura.

- Machado, A. M. & Gomes, R. (2011) Análise da precocidade nos esportes. In D. Presoto; J. M. Montiel; E. G. B. Pereira & R. Gaio (Eds.), *Psicologia do Esporte – da escola à competição* (pp. 49-66). Fontoura.
- Melo, V. A.; Fortes, R. (2010). História do esporte: panorama e perspectivas. *Fronteiras*, 12(22), 11-35.
- Proni, M. W. (1998). *Esporte-espetáculo e futebol-empresa* [Dissertação de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas.
- Rubio (2021). *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo* (2ª ed.). Laços. (Trabalho original publicado em 2001)
- Rubio (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 86-91.
- Santos, M. F. A. (2016). Desenvolvimento sexual infantil. *Psicologia.pt*, 1-7. Recuperado em 23 de novembro de 2021, de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0980.pdf>.
- Scott Christ (2020, 11 de maio). Five Months on Top: The sudden rise and frightening fall of Michael Bentt. SBNation. <https://www.badlefthook.com/2020/5/11/21254162/five-months-on-top-michael-bentt-sudden-rise-frightening-fall>
- Sorvilho, H. (19 de março de 2019). Vencer é tudo? Losers, uma série sobre transformar a derrota em triunfo. *Blog do Unasp*. <https://www.unasp.br/blog/losers-netflix/>
- Tubino, M. J. G. (2010). Estudo brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem.
- Zainal, Z. (2007). Case study as a research method. *Jurnal Kemanusiaan*, 9, 1-6.
- Zanon, P. (2020, 23 de janeiro). Michael Bentt: Conflicting Emotion. Hannibal Boxing Media. <https://hannibalboxing.com/michael-bentt-conflicting-emotions/>